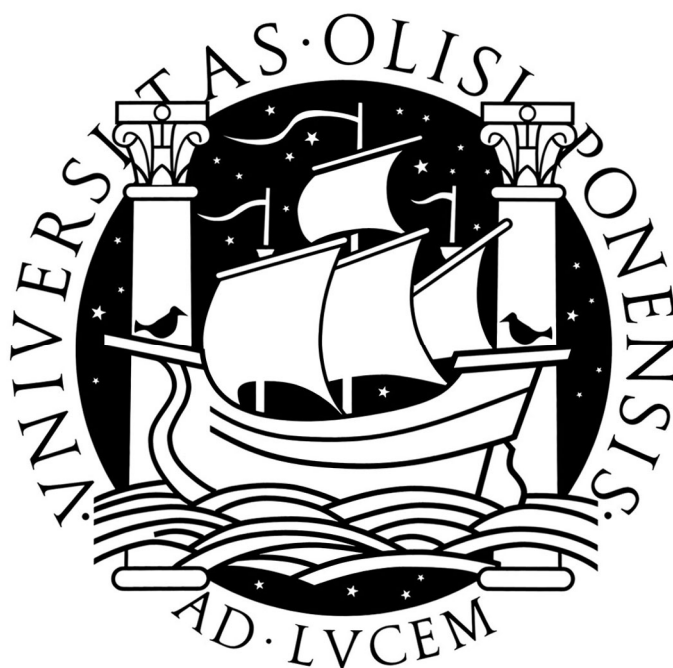


UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



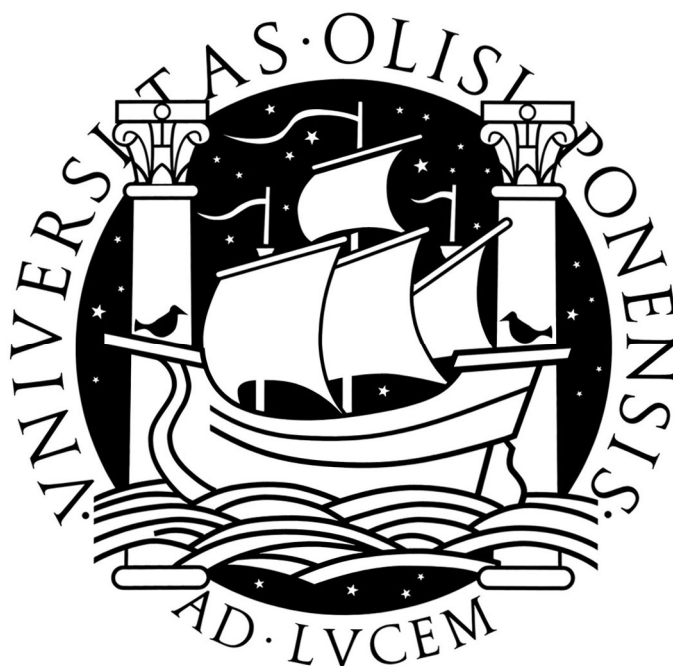
**EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NO PATRIMONIO:  
UMA ACCÇÃO NO CASTELO DE PORTO DE  
MÓS**

Rosana Oliveira Silva

MESTRADO EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NO PATRIMONIO:  
UMA ACÇÃO NO CASTELO DE PORTO DE  
MÓS**

Rosana Oliveira Silva

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor João Paulo Queiroz

MESTRADO EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

2010



*Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do  
nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos  
lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para  
sempre, à margem de nós mesmos.*

Fernando Pessoa

## Resumo e Palavras-Chave

A presente tese debruça-se sobre a Educação Artística em contextos de valor histórico e patrimonial.

Tomou-se o Castelo de Porto de Mós como um recurso valioso e apto a despoletar acções educativas. Assim desenvolveu-se uma acção específica tomando como público a população local, particularmente as crianças do ensino pré-escolar.

Para apoiar o planeamento, concretização e avaliação da acção, procedeu-se a um plano de visitas a diversos Serviços Educativos de museus, tanto em Portugal como no estrangeiro: Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Museu Colecção Berardo, Mosteiro da Batalha, Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota, Museu Itaú Cultural de São Paulo, Museu Lasar Segall, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – Projecto “Lazer com Arte para a Terceira Idade”.

Fez-se também uma revisão teórica incidindo sobre os Serviços Educativos e enquadrando a instituição ‘museu.’

A acção foi desenvolvida junto de três escolas, correspondendo a cinco turmas, de idades entre os três e os seis anos. Com a ajuda de uma mediadora, no contexto do Castelo de Porto de Mós, encarnou-se a personagem D. Fuas Roupinho, e foram dinamizadas três actividades lúdicas e educativas: “A história de D. Fuas Roupinho contada na primeira pessoa,” “Mini arquitectos” e “Os donos do castelo.”

Todas as actividades tiveram alguma divulgação junto da imprensa e um bom impacto junto da população, despertando a atenção de outras escolas.

Relatam-se os objectivos atingidos na acção, em Porto de Mós, esboçando-se um modelo para a Educação Artística. A tese conclui com sugestões de orientação política e algumas propostas de desenvolvimento futuro.

**Palavras-chave:** Educação Artística, Porto de Mós, Museu, Públicos, Património

## Abstract and Keywords

The present thesis is undertaken in the field of art education in historical heritage contexts. The Porto de Mós castle, Portugal, is regarded as a valuable resource, able to accommodate educational activities. One specific activity was developed, focused on preschool children from the neighborhoods. In order to support this activity's planning and evaluation, a full visiting schedule to different museum educational services and facilities was performed, either in Portugal or abroad: Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Museu Coleção Berardo, Mosteiro da Batalha, Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota, Museu Itaú Cultural de São Paulo, Museu Lasar Segall, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. The museums and the educational services were reviewed in literature. The activity was developed in three schools, encompassing five classes, ages between three and six. With the help of an assistant impersonating the knight character of D. Fuas Roupinho, three different actions were made available to the children, in the castle scenery: "D. Fuas by himself," "mini architects," and "the lords of the castle." Every activity was released to the local media with a reasonable impact near the population, grabbing other schools attention. The targets accomplished in this action are fully reported, sketching a model for art education on historical environment. The thesis finally sets some political suggestions and some further future actions are previewed.

Keywords: Art education, Porto de Mós, Museum, Audiences, Heritage

## Agradecimentos

É com satisfação que expresso aqui o mais profundo agradecimento a todos aqueles que tornaram a realização deste trabalho possível.

Gostaria antes de mais de agradecer ao Professor Doutor João Queiroz, orientador desta tese, pelo apoio, incentivo e disponibilidade demonstrada em todas as fases que levaram à concretização deste trabalho, principalmente por todo optimismo.

Aos meus filhos João Pedro e Guilherme, pela alegria e amor que me oferecem todos os dias, por terem sido privados da minha presença durante o período de estudo. Ao meu marido, meu maior impulsionador, pelas palavras de força e por todo seu carinho.

Aos meus pais, que mesmo com a distância geográfica, estiveram comigo todos os dias a apoiar-me virtualmente e aos meus sogros que são meus pais portugueses, por todo o apoio.

A minha irmãzinha Sol, por iluminar minha vida todos os dias via Skype, por este amor verdadeiro e por esta amizade tão especial que temos.

A minha amiga a animadora Sónia Cordeiro, por ter embarcado nesta aventura de encarar o papel de Dom Fuas. Sem o seu trabalho nada disso seria possível.

A minha amiga Ellen companheira de vivencia académica desde a licenciatura, e por me hospedar em sua casa todas as sextas. Agradeço também a Genoveva Oliveira pela sua apreciação crítica ao meu trabalho e por partilhar seus conhecimentos comigo.

Todos os profissionais dos museus que me receberam com tanta simpatia no Brasil. A Dra. Ana Mae Barbosa por me apresentar pessoas tão ímpares.

Agradeço ao CIBA, a Rita Canavarro e toda a equipa do Serviço Educativo que estiveram presentes em várias fases deste trabalho.

A todas as educadoras, São Carreira, Ana Fernandes, Maria José Silva e Élia Lopes que participaram deste trabalho com toda dedicação.

Agradeço ainda a todas as pessoas que directamente ou indirectamente contribuíram para este trabalho, mesmo que os vossos nomes não estejam aqui.

# Índice

Resumo e Palavras-chave	IV
Abstract and Key Words	V
Agradecimentos	VI
Índice Geral	VII
Lista de Figuras	IX
Lista de Quadros	XI
Siglas e Abreviaturas	XII
<b>1. Introdução</b>	13
1.1. Proposta de investigação	13
<b>Capítulo I – Serviço Educativo</b>	16
1. Origem dos Museus	16
2. O Museu como espaço educativo	18
3. O serviço educativo	21
3.1. O Museu e os educadores	22
3.2. Criação de Público	23
<b>Capítulo II – Porto de Mós e o Castelo</b>	25
1. A Vila de Porto de Mós	25
2. O Castelo de Porto de Mós	26
2.1. Arquitectura actual do Castelo de Porto de Mós	29
2.2. Dom Fuas Roupinho	30
3. Estruturas Culturais existentes	32
<b>Capítulo III – Metodologia e contexto</b>	34
1. Formação Pedagógica	34
2. Visita ao Museu Nacional de Arte Antiga	35
3. Visita ao Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado	38
4. Visita ao Museu Colecção Berardo	40
5. Visita ao Mosteiro da Batalha	44
6. Visita ao Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota	46
7. Visita ao Museu Itaú Cultural de São Paulo	48
8. Visita a Pinacoteca do Estado de São Paulo	52
9. Visita ao Museu Lasar Segall	57
10. Visita ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – Projecto “Lazer com Arte para a Terceira Idade”	60
11. Conclusão	63
<b>Capítulo IV – Planeamento e Experiência da Acção Educativa</b>	66
1. Justificação	66
2. Contacto com os Professores	66
3. Planeamento das actividades	68
3.1. Primeira parte: Castelo	68
3.2. Segunda parte: Escolas	73
4. Experiência das actividades	74
	VII

4.1.	A personagem Dom Fuas Roupinho	74
4.2.	As Actividades	75
5.	Avaliação das actividades	82
5.1.	“A História de Dom Fuas Roupinho contada na 1ª pessoa”	82
5.2.	“Mini Architectos”	87
5.3.	“Os Donos do Castelo”	90
6.	Impacto da acção na comunidade.	94
<b>Capítulo V – Conclusões</b>		95
1.1.	Introdução	95
1.2.	Conclusão sobre o Problema de Investigação.	95
1.3.	Contributos para a Educação Artística.	96
1.4.	Implicações para a política e a prática.	98
1.5.	Limitações.	99
1.6.	Sugestões para a investigação futura.	100
<b>Bibliografia</b>		101
<b>Apêndices</b>		a
<b>Anexos</b>		i

## Lista de Figuras

<b>Figura 1.</b> Castelo de Porto de Mós	26
<b>Figura 2.</b> Vista interna do Castelo de Porto de Mós, (2007)	29
<b>Figura 3.</b> Dom Fuas Roupinho, gravura da colecção de Tito Calixto	31
<b>Figura 4.</b> Dra. Maria de Lurdes Riobom e Prof. Doutor João Pedro Fróis na visita ao MNAA, (2008)	36
<b>Figura 5.</b> Dra. Catarina Moura na visita ao Museu do Chiado, (2008)	38
<b>Figura 6.</b> A mediadora Ana Rito, visita ao museu Colecção Berardo, (2008)	41
<b>Figura 7.</b> Museu Colecção Berardo, visita orientada, (2008)	42
<b>Figura 8.</b> Mosteiro da Batalha, (2009)	44
<b>Figura 9.</b> Bion, formas de vida, Andrew H. Fagg e Adam Brown. Itaú Cultural (2010)	48
<b>Figura 10.</b> Bill Vorn, Histerical Machines. Itaú Cultural (2010)	49
<b>Figura 11.</b> Robotarium, Leonel Moura. Itaú Cultural (2010)	50
<b>Figura 12.</b> Exemplo dos materiais de apoio sensorial que integram o programa PEPE da Pinacoteca do Estado, em cima a esquerda a representação da obra de Tarsila do Amaral, Antropofagia, bidimensional em resina, em cima a direita, uma maquete tridimensional em madeira, em baixo a direita a imagem da obra, em baixo a esquerda a mesma obra em EVA, (2010).	53
<b>Figura 13.</b> Reconstituição da obra Antropofagia de Tarsila do Amaral, em resina, peça integrante do programa PEPE da Pinacoteca. (2010)	53
<b>Figura 14.</b> Reconstituição da obra Antropofagia de Tarsila do Amaral tridimensional em madeira, maquete integrante do programa PEPE, da Pinacoteca (2010)	54
<b>Figura 15.</b> Actividade no atelier do MAC USP, com alunos do projecto “Lazer com Arte para a Terceira Idade”	61
<b>Figura 16.</b> Actividade no atelier do MAC USP, com alunos do projecto “Lazer com Arte para a Terceira Idade”, exposição dos trabalhos para avaliação.	62
<b>Figura 17.</b> Visita à cisterna do Castelo de Porto de Mós	76

<b>Figura 18.</b> Visita a varanda e os balestreiros do Castelo de Porto de Mós	76
<b>Figura 19.</b> Avaliação da actividade, apresentação da imagem torre do castelo.	77
<b>Figura 20.</b> Avaliação da actividade, apresentação da imagem balestreiros.	78
<b>Figura 21.</b> Ateliê, lápis e canetas de feltro para elaboração da actividade prática.	79
<b>Figura 22.</b> Desenvolvimento da actividade prática no ateliê.	79
<b>Figura 23.</b> As crianças a tentarem abrir a porta com as chaves desenvolvidas no ateliê.	83
<b>Figura 24.</b> Um plano mais aproximado das crianças a tentarem abrir a porta do Castelo com as chaves desenvolvidas no ateliê.	84
<b>Figura 25.</b> Dois cavaleiros a lutarem no castelo, exemplo da utilização das chaves como espadas.	85
<b>Figura 26.</b> Dom Fuas apresentando a história do Castelo de Porto de Mós as crianças	87
<b>Figura 27.</b> Pedro T descreve estas linhas como sendo o vento, pois no dia da visita estava um dia muito ventoso.	88
<b>Figura 28.</b> João S desenha toda a vegetação a volta da Castelo.	89
<b>Figura 29.</b> João César desenha as torres pequeninas	89
<b>Figura 30.</b> Pedro C desenha as torres com olhos, segundo a sua descrição, assim com olhos maiores poderiam ver melhor os inimigos que se aproximavam do Castelo.	90
<b>Figura 31.</b> Baú e objectos da actividade “Os donos do Castelo”	91
<b>Figura 32.</b> Apresentação da actividade “Os donos do Castelo”	91
<b>Figura 33.</b> Actividades no ateliê.	92
<b>Figura 34.</b> Chave ilustrando a visita ao Castelo de Porto de Mós	93



## Lista de Quadros

<b>Quadro 1:</b> <i>Exemplo do plano da actividade “Os Donos do Castelo”</i>	71
<b>Quadro 2:</b> <i>Exemplo de planificação de avaliação baseada na Taxonomia de Bloom</i>	73

## **Siglas e Abreviaturas**

ATL	Actividade de Tempos Livres
CCB	Centro Cultural de Belém
CIBA	Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota
DGMN	Portugal, Direcção Geral dos Monumentos Nacionais
EVA	Espuma Vinílica Acetinada
FBAUL	Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
GPEARI	Portugal, Gabinete de Planeamento Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais
IGESPAR	Portugal, Instituto de gestão do património Arquitectónico e Arqueológico
IMC	Portugal, Instituto dos Museus e da Conservação
MNAA	Museu Nacional de Arte Antiga
PDF	Portable Document Format
PDM	Plano Director Municipal
PROSIURB	Portugal, Programa de Consolidação do Sistema Urbano Nacional
QUAR	Quadro de Avaliação e Responsabilização
SPN	Portugal, Secretariado de Propaganda nacional
USP	Universidade de São Paulo
V&A	Museu Victoria and Albert
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

## **Introdução**

O tema desta dissertação surge do interesse sobre a Educação em Museus despertado em mim no curso de mestrado em educação artística da FBAUL e também com a realidade encontrada na vila de Porto de Mós onde os seus residentes não conhecem a história do seu Castelo, nunca o visitaram, ou se o fizeram foi já há quinze ou mais anos. Vi neste Castelo uma possibilidade de aplicar a Educação Artística em prol da população, valorizando e sensibilizando as pessoas para o património local.

Na região centro de Portugal não existe nenhum museu ou centro de arte com actividades para crianças em idade pré-escolar (3 aos 6 anos). A justificação seguida pelos museus sintetiza-se em três questões: as crianças tão pequenas aprendem alguma coisa num museu? Os profissionais dos museus têm formação para desenvolver actividades pedagógicas direccionadas para este público? Os museus têm as exposições adaptadas física e cognitivamente para receber este grupo etário?

Na minha opinião a sensibilização para a Arte deve iniciar-se desde cedo, as crianças devem ter contacto com as obras mesmo sem ter ainda a noção histórica. O que deverá chamar atenção no início são as cores, as formas e as imagens de uma forma geral. A Arte deve fazer parte da vida social do indivíduo desde cedo pois o seu processo de aprendizagem já estará em construção.

O processo de aprendizagem é mais visível dentro do espaço formal escolar onde o professor consegue avaliar a evolução do aluno. Num museu o educador/mediador tem apenas algum tempo para avaliar este procedimento, que muitas vezes é difícil por falta de recursos pedagógicos da instituição e do profissional. O mesmo acontece no contexto do património.

## **Proposta de Investigação**

*Como a aplicação da Educação Artística pode potencializar e valorizar o património, sensibilizando a população à conhecer a história local através da Arte?*

Esta é a questão que tenciono responder nesta dissertação através de um projecto educativo desenvolvido para crianças em idade pré-escolar, aplicado no Castelo de Porto de Mós.

Após a definição do local, o Castelo de Porto de Mós, contactei a Câmara Municipal que tutela o Castelo, especificamente o Pelouro da Cultura, e apresentei a proposta do projecto para obter autorização para o desenvolvimento do trabalho no local.

Desenvolvi uma agenda onde estipulei uma data para a acção, e comecei logo a desenvolver as actividades nesse sentido, e assim que estas estavam definidas contactei as escolas e as educadoras para apresentar a proposta da acção e firmar as datas das visitas. Foram três as actividades desenvolvidas para quatro dias, e estiveram envolvidos três jardins-de-infância. O conteúdo pedagógico das actividades incluía o factor avaliação, que foi aferido durante o período da visita. Após as actividades terem decorrido avalei os resultados.

Para elaborar estas actividades precisei comparar os Serviços Educativos de alguns museus, observar algumas visitas guiadas, verificar o perfil dos profissionais dos museus, notar os procedimentos de funcionamento e as principais preocupações educativas dos museus. Estive em nove museus, cinco em Portugal e quatro no Brasil, onde fiz as visitas técnicas.

Os pontos fracos deste trabalho foram as limitações do tempo e as burocracias políticas por parte da Câmara Municipal, que não autorizou a continuação deste trabalho, o que limitou a observação da acção a apenas uma semana. Os pontos fortes foram a certificação da potencialidade educativa do património tornando-se saliente que não se devem subestimar as capacidades cognitivas das crianças de tenra idade, pois o processo de aprendizagem inicia-se bem cedo.

### **Organização da dissertação**

A estrutura deste trabalho está organizada da seguinte forma: enquadramento histórico, formação pedagógica, metodologia, a descrição da experiência e conclusão.

No capítulo I encontra-se a definição de museu, a estrutura e as funções dos Serviços Educativos, a formação dos profissionais, o contacto do museu com as escolas, as preocupações educativas e a criação de público.

O capítulo II é composto pelo enquadramento histórico, cultural, arquitectónico, e geográfico da Vila de Porto de Mós e do seu Castelo. Enquadro o monumento e o seu

significado para a população local e faço a revisão da figura do Cavaleiro Dom Fuas Roupinho que foi o alcaide do Castelo.

No capítulo III relato as visitas técnicas que fiz aos museus portugueses e brasileiros, abordando a comunicação dos museus com as escolas, os programas educativos e as visitas orientadas. É também o local onde faço uma conclusão comparativa das instituições.

No Capítulo IV justifico a potencialidade do Castelo de Porto de Mós como estrutura educativa, explico como foi elaborado o planeamento das actividades, descrevo como decorreu acção, e como foi feita a avaliação destas actividades.

O Capítulo V conclui o trabalho desenvolvido, respondendo às inquietações iniciais sobre como a Educação Artística pode potencializar o património, sobre o atributo das actividades e bem como sugestões de desenvolvimento para acções futuras.

## Capítulo I – Serviço Educativo

### 1. Origem dos Museus

Os museus nascem com a função de guardar os tesouros e as riquezas reais, que eram de acesso restrito às elites. Os primeiros espaços conhecidos com esta finalidade foram os “*museion*” Gregos (Varie-Bohan, 1979 p.24). A instituição *Museu* significa *Templo das Musas*, pois remonta à Antiguidade Clássica (Mendes J. A., 2009 p.29).

A população menos favorecida só tinha a possibilidade de ver alguns destes tesouros nos templos, pois a grande parte dos tesouros estavam guardados em privado.

No século XVIII, com a Revolução Francesa, surgem novos valores. O museu torna-se público e as colecções reais e bens da igreja católica são nacionalizados, inventariados e preservados. A cultura torna-se mais forte e é utilizada como afirmação política (Varie-Bohan, 1979).

O British Museum, fundado em Londres em 1753 foi o primeiro museu público gratuito em todo o mundo. A origem do Museu está ligada médico e naturalista Sir Hans Sloane (1660-1753). Sloane colectou mais de 71.000 objectos, seu desejo era que estes fossem conservados após a sua morte. Assim, legou toda a colecção do rei George II para a nação em troca de um pagamento de £ 20,000 para seus herdeiros. E assim em 7 de Junho de 1753 uma lei do Parlamento criou o British Museum, ou Museu Britânico (British Museum, 2010).

Inicialmente o British Museum não tinha uma visão orientada para o público, mas com o ambiente político da Inglaterra o museu adquiriu estatuto. O museu era domínio de pessoas instruídas e tinha acesso difícil. Na sua visita a Londres em 1785 o historiador Alemão Wendebord teve de esperar 14 dias pela autorização de entrada no museu (Schubert, 2009 p.17).

O British Museum é um estabelecimento público, hoje não abriga História Natural, e a colecção de manuscritos que pertenciam ao museu agora fazem parte da British Library. O museu tem o seu acervo assente em artefactos representativos da cultura de todo o mundo.

Em 1793, em França, com a nacionalização dos bens da Igreja Católica, o confisco dos bens dos emigrados e a supressão das Academias surge a necessidade de inventariar e preservar os bens adquiridos, nascendo assim o Museu do Louvre.

O acervo do museu era composto por obras confiscadas à família real e aos aristocratas que tinham fugido da Revolução Francesa, (acção na época denominada de “repatriações”). O público tinha acesso gratuito ao fim de semana, nos outros dias o espaço era reservado ao trabalho dos artistas que estudavam as obras dos grandes mestres (Museu do Louvre, 2010), sendo este um hábito que se mantém até aos dias de hoje:

*Como foi sua Educação Artística? Eu estudava nos ateliês de manhã e copiava no Louvre a tarde. Isso durante 10 anos, Monet é grandioso, Cézanne busca o mais clássico. Não gosto nada de Rafael. Goya, Dürer, Rembrandt, Corot, Manet são meus mestres favoritos. Sim eu vou frequentemente ao Louvre! Lá é a obra de Chardin que mais estudo. Vou ao Louvre para estudar sua técnica (Henri Matisse, 2007)*

O Charleston Museum foi o primeiro museu Americano, fundado em 1773 pela Charleston Library Society, enquanto a Carolina do Sul ainda era colónia britânica. Foi inspirado pela criação do British Museum (1753). Abriu pela primeira vez ao público em 1824 (Charleston Museum.2010).

Em Portugal o Museu Nacional de Soares dos Reis é o primeiro museu público de arte do país. Foi fundado em 1833 para recolher os bens confiscados aos conventos nacionalizados do Porto e aos extintos de fora do Porto (mosteiros de S. Martinho de Tibães e de Santa Cruz de Coimbra). Antes era chamado Museu Portuense de Pinturas e Estampas, sob direcção do pintor João Baptista Ribeiro. Seguiu um programa cultural e pedagógico inovador, de apoio aos artistas da Academia Portuense de Belas Artes e de divulgação da arte mediante a organização de exposições públicas. Após a República, em 1911, recebe a denominação de Museu Soares dos Reis (Museu Soares dos Reis, 2010).

O Museu Hermitage, o primeiro Museu público da Rússia, com toda a colecção particular de Catarina II, abre ao público em 1852. O Hermitage acolhe mais de 3 milhões de itens, a maior colecção de pintura do mundo (Hermitage, 2010).

O Museu do Prado, primeiro museu público da Espanha, foi mandado construir pelo Rei Carlos III em 1785. Os reis espanhóis Felipe III e Felipe IV enriqueceram a colecção de Felipe II com compras na Bélgica e Itália, recorrendo a agentes especializados. Velásquez foi enviado a Itália, em 1649, com este propósito. Em Novembro de 1819 abriu as portas ao público (Museu do Prado, 2010). Em 1872 a sua colecção aumenta quando todo o acervo do museu Trindade foi doado ao Prado (Varie-Bohan, 1979).

## **2. O Museu como espaço educativo**

No século XIX os museus eram entendidos como instituições educacionais, e englobavam outros espaços não institucionais de educação, vistos como formas recreativas de educação científica e concebidos para a classe operária (Hooper-Greenhill, 1991). No Reino Unido durante a I Guerra Mundial vários museus nacionais desempenharam o papel de educar a população para a higiene e saúde, preparação de alimentos e solucionar problemas relacionados com a Guerra.

Como afirma Hooper-Greenhill (1991) o museu ficou mais ao lado das universidades como instituição de pesquisa do que ao lado das escolas como local de educação.

Na segunda metade do século XIX, com o reconhecimento da pedagogia e da infância como estádio de aprendizagem, os museus sentem a necessidade de desenvolver actividades direccionadas às crianças por intermédio de profissionais com formação pedagógica.

No início do século XX a gestão das colecções tornou-se mais importante que o papel pedagógico, e foi preciso diferenciar estas duas funções dentro do museu, a *educadora* e a *conservadora*. Neste período a função educadora precisou de afirmar dentro da instituição o seu reconhecimento.

Na década de 60, os museus entendem a educação especificamente como um trabalho feito com as escolas, separam a ideia do museu como espaço de educação para a cidadania. Nascem os *Serviços Educativos*.

Segundo Nicholas Serota, foi Charles Eastlake que, ao se tornar director do National Gallery de Londres em 1855, conferiu ao museu o objectivo de educar simplesmente adoptando uma forma de expor as obras diferentes do mero vestir paredes. Ele estabeleceu a política de expor as obras de forma cronológica, transformando o museu



num livro de História da Arte, para que os visitantes decorassem nomes e datas de nascimento e morte dos pintores, inventário de suas obras, localização e características das diferentes escolas (*Apud* Barbosa e Coutinho, 2008).

O Museu de Arte Moderna de New York, com Alfred Barr, inovou um pouco esta forma cronológica de expor passando a organizar as colecções por movimento (Barbosa e Coutinho, 2008).

O primeiro Serviço Educativo num museu português foi fundado em 1953 por João Couto, no Museu Nacional de Arte Antiga. João Couto juntamente com Madalena Cabral tiveram um papel importante na formação de monitores e professores para a função pedagógica do museu. Esta iniciativa inovadora no Museu Nacional de Arte Antiga viria a repercutir-se em outros museus em Portugal, tornando o público escolar o público alvo do espaço museológico.

Mas em Portugal só no início dos anos 80 vão sendo criados Serviços Educativos com alguma significância, inicialmente em museus do Estado, alguns privados, e por último nos museus autárquicos (Camacho, s.d).

O potencial educativo era o que impulsionava a fundação de muitos museus. Na Grã Bretanha um exemplo é o museu Victoria & Albert como museu e escola. Foi o primeiro museu a criar a função de arte-educador, em 1852, associado a uma escola de artes industriais. Segundo Ana Mae Barbosa (1989), o Victoria & Albert tinha até 1970 um dos melhores programas de arte educação em museus da Europa. Actualmente o V&A oferece cursos e formações na área da educação artística, atendimento escolar, palestras, conferências, com intenção de transformar a ida ao museu em momentos uteis e agradáveis (Victoria & Albert Museum, 2010).

Os museus para além de justificarem as despesas, têm a necessidade de reforçar a importância do papel pedagógico no espaço museológico (Hein, 1998). Este deveria ser um sector simplesmente obrigatório, uma prova de que a educação em museus ainda não é entendida como basilar, pois implica outros custos.

Muitos teóricos dedicam-se a pesquisa em “Educação e Museus”: alguns estudam a compreensão dos visitantes ou a relação destes com a obra de arte. Por exemplo,

Hooper-Greenhill no seu texto *Learning in Art Museums: Strategies of interpretation* (1999) debate os processos de interpretação de obras de arte, e como exemplo ela utiliza o retrato da Rainha Elisabeth I, na National Portrait Gallery em Londres, e conclui que os visitantes tentam identificar a obra buscando nela algo que lhes é familiar: a interpretação de um mesmo objecto pode ser diferente conforme a cultura que se vive, da bagagem cultural.

George Hein defende o museu construtivista: contruir o conhecimento acrescentando novos valores, desenvolvendo a capacidade de aprender. Baseia-se nas duas principais componentes da teoria da educação, a teoria do conhecimento e da aprendizagem. Propõe que a educação em museus deveria estruturar-se a partir das definições sobre o que será aprendido e de que forma será aprendido. O foco passa a ser o aprendiz e não o assunto a ser aprendido, aumentando o seu potencial de aprendizagem. Para este autor os museus deveriam centrar sua atenção no visitante, e não no conteúdo educativo (Hein, 1998; 1999).

No relatório de Pós Doutorado da Dra. Maria Isabel Leite sobre as dimensões educativas dos museus em Londres descreve-se o Museum of Childhood, que tentou reinventar-se como museu, quebrando a forma tradicional e assumindo um carácter mais lúdico, informal, participativo e acolhedor, facilitado pelo tipo de acervo de que dispõe. Estará, segundo a autora, mais próximo da ideia de museu construtivista trazida por George Hein (Leite, 2007).

Michael Parsons tem seu trabalho indirectamente ligado aos museus, através da sua pesquisa focada no desenvolvimento cognitivo. Fez uma investigação baseada em entrevistas a indivíduos de diferentes idades e diferentes conhecimentos artísticos, considerando cinco estádios do desenvolvimento da apreciação estética (Parsons, 1992).

O *primeiro estágio* proposto por Michael Parsons é o gosto intuitivo, baseado em referências e associações livres ou uma forte atracção pelas cores. Neste estágio evidenciam-se as manifestações através das experiências.

O *segundo estágio* centra o tema e a ideia de representação. Uma imagem será melhor quanto mais sedutor for o tema ou mais real for sua representação.

O *terceiro estágio* reporta à expressividade, a capacidade que as imagens têm de proporcionar experiência e emoção.

O *quarto estágio* relaciona o estilo e a forma, com uma significação mais social que individual. Permite-nos descobrir a utilidade da crítica enquanto guia da nossa percepção e considerar o juízo estético como racional e susceptível de objectividade.

O *quinto estágio* é o estágio da autonomia, onde é possível formular juízos sem bases anteriores.

Parsons destaca também quatro aspectos para a leitura da obra: o tema, a expressão, os aspectos formais e o juízo (Parsons, 1992 p.37).

### **3. O Serviço Educativo**

O serviço educativo é uma ponte que liga o público ao espaço museológico.

Existe um estereótipo no que diz respeito ao Serviço Educativo. Este não se resume ao público escolar, às visitas guiadas e ao *marketing*; trabalha com estas vertentes mas em primeiro lugar tem o objectivo de proporcionar experiências e comunicações, transformando a aprendizagem numa forma de prazer.

Ana Mae Barbosa (2008) defende que a mediação cultural é também social:

*O esforço que se emprega para ampliar o contacto, o discernimento, o prazer da população com a cultura que a cerca, resulta em benefícios sociais como qualidade das relações humanas e compreensão de si e do outro* (Barbosa e Coutinho, 2008 p:21)

O Serviço Educativo não substitui a escola, pelo contrário, trabalha em conjunto com ela, desenvolvendo a criatividade, a cultura e a proximidade com a área da História e da Arte. Deve respeitar as muitas formas de aprender, as vivências e experiências de vida, deve respeitar a cultura, a religião e a liberdade de pensamento.

O Serviço Educativo tem a responsabilidade de transformar o museu em uma linguagem artística e educativa para todas as idades, utilizando qualquer recurso da Educação Artística (as artes plásticas e multimédia, a fotografia, música e as artes cénicas)

Também é da responsabilidade do Serviço Educativo conhecer a realidade sociocultural e as necessidades da comunidade em que está inserido. Todo o trabalho educativo deve começar dentro da sua comunidade, e deve partilhar com a sociedade os seus objectivos e missão, para que esta também participe.

### **3.1 O Museu e os educadores.**

O museu pode ser muito importante para os professores e educadores, é um espaço que deve ser bem utilizado. Cabe ao museu ir ao encontro destes profissionais oferecendo apoio na preparação da visita, tendo atenção ao espaço de modo que todos se sintam confortáveis, oferecer material impresso com informações básicas sobre a exposição e o espaço museológico, oferecer apoio pedagógico aos professores e visitantes, acompanhamento nos ateliês e avaliação das actividades desenvolvidas.

O contacto com a instituição escolar deve-se iniciar antes da visita e manter-se após a visita: o trabalho do mediador não deve acabar quando a visita termina. Esta atenção por parte do museu poderá fazer a actividade ser mais completa, permitirá avaliar o desempenho do museu, e captar este mesmo público para outras visitas.

Os professores ficam com muitas dúvidas por esclarecer durante as visitas, pois nem todos sabem como proceder correctamente numa visita aos espaços públicos. Esta insegurança é um dos factores principais da incapacidade de transmitirem informações. O museu deve encorajar os professores e educadores para reconhecer quão importante é o seu papel numa visita.

*O professor não é um “vaso”, um receptáculo repleto de informações e conhecimentos a serem dali retirados e dados aos alunos. O professor é um ser pensante e de acção. Através da reflexão e da acção, deve ser capaz de estabelecer ligações entre os conteúdos a serem transmitidos e as demandas e necessidades do processo educativo pelo qual passam seus alunos, suas respostas em relação ao assunto tratado e, na soma disso tudo, reavaliar suas próprias opiniões (Chiovatto, 2004).*

O Museu é um recurso educacional, está para a Arte como um laboratório para a ciência. Nem sempre é preciso uma visita orientada todas em todas as visitas ao museu: é preciso fomentar o gosto e estimular as pessoas a sentir o museu, deixar que as cores

sensibilizem, pois o silêncio e a liberdade também são importantes para a compreensão e a imaginação dos visitantes.

### **3.2 Criação de público**

A capacidade de um museu adoptar novas ideias faz toda a diferença: a criatividade em qualquer espaço cultural é o recurso mais importante para criar público. Estratégias de relacionamento e desenvolvimento social devem ser utilizadas pelos Serviços Educativos para atrair o público.

O *marketing* museológico é muitas vezes desenvolvido pelo próprio Serviço Educativo, sendo o aumento de visitantes uma das formas que a tutela encontra para avaliar a qualidade da prestação. Nesta perspectiva, a divulgação das actividades pode ser feita através do site da instituição e também através de universidades, escolas, jornais, revistas e rádios bem como das redes sociais, sites de interesses e blogues.

Além destes processos de divulgação, há muitos outros aspectos a ter em conta: as condições físicas do espaço museológico, as condições ambientais, a mobilização de diferentes estratégias educativas e culturais no sentido de alargar o relacionamento com o público (através, por exemplo, do uso de novas tecnologias), tudo isto assente também em estratégias económicas adequadas.

Quanto às condições físicas do espaço, deve atender-se a que a quantidade de visitantes não exceda o limite comportado no espaço, verificar as acessibilidades.

Nas condições ambientais há a considerar factores como os ruídos externos, o volume da música ambiente, quando houver, ou sons de uma obra específica que pode prejudicar outras. A temperatura ambiente deve estar de acordo com o conforto e com a necessidade das obras. Também o museu e as obras devem estar limpos.

No que respeita às estratégias educativas e culturais, o museu deve oferecer visitas orientadas, ateliê, actividades pedagógicas bem planeadas e adaptadas à faixa etária. As visitas orientadas devem ter objectivos e conteúdos aliciantes. Os profissionais dos museus devem ser capacitados para tal função. No uso de novas tecnologias: há a considerar os aparelhos de comunicação electrónica (portáteis de tradução, ecrãs com informações, monitores *touch screen*, obras multimédia). O museu deve auxiliar a

utilização destes aparelhos, pois nem todo visitante está familiarizado com este tipo de comunicação.

O agendamento das visitas escolares deve ser acompanhado de entrevistas com os professores para avaliar o perfil dos visitantes e facilitar a preparação da visita. Também a comunicação com as escolas é indispensável, antes e depois das visitas, pois este vínculo entre a escola e o museu pode desencadear novas visitas. No que respeita às estratégias económicas, o museu deve ter horários e preços atractivos, entrada gratuita para determinados públicos ou em dias especiais, procurar parcerias com empresas, fundações, lares, escolas, bibliotecas, fazendo uma boa gestão financeira dos apoios e subsídios recebidos.

A atenção a todas as dimensões apontadas pode facilitar a criação de público no museu. O modo criativo como se mobilizam estas possibilidades pode contribuir para a fidelização de públicos com a inerente divulgação dos bons atributos do museu, despertando o interesse de novos visitantes.

## Capítulo II – Porto de Mós e o Castelo

### 1. A vila de Porto de Mós

A vila de Porto de Mós está inserida na Estremadura e é sede de município com o mesmo nome. Tem uma área de 261 km<sup>2</sup> e a população residente é de 1.745 pessoas (CENSO, 2001). Porto de Mós conta com a existência de população desde a pré-história. Com a construção do Castelo de Leiria em 1135, por iniciativa de D. Afonso Henriques, estas terras férteis atraíram habitantes e mão-de-obra agrária. Algumas destas pessoas enriqueceram explorando a matéria-prima mais preciosa e abundante da região, o calcário, usado na construção de lagares, moinhos de pão e pisões (Gomes, 2005 p.21).

O navegador Diogo Afonso escreve ao Rei D. Duarte, entre 1433 e 1438, esclarecendo-o sobre onde era ou não pecado usar a astrologia, tema de grande interesse do Rei. Nesta carta Diogo Afonso diz estar em Porto de Mós, e descreve a vila como a “terra onde há mais pedras que livros” (Dias, 1982).

Porto de Mós aparece pela primeira vez em 1183 de acordo com topónimos de Ataíja, Mendiga, Alvados e Minde numa carta de delimitação do Couto de Alcobaça como “Portum de Mol” deve se interpretar a palavra Mol como abreviação de “Molis” confirmando assim a existência de povoação activa. A segunda aparição do nome da Vila aparece numa Bula Pontifícia do Papa Inocêncio III de 1203, regista o nome de “Portum de Molis” onde renova ao Mosteiro de Alcobaça a protecção da Sé apostólica, enunciando também os limites do couto de Alcobaça. Mas em outra carta do mesmo Papa em 1216, este redige “Portu Molarum”. Esta última designa a tradução literária que hoje se conhece como “Porto das Mós” (Gomes, 2005 p.27). O primeiro testemunho português é um diploma lavrado pelo tabelião portomosense Diogo Gonçalves, em 22 de Setembro de 1282, no qual se lê “Publico Tabaliom de Porto de Mós” (Gomes, 2005; Cacela, 1977)

## 2. O Castelo de Porto de Mós



**Figura 1.** Castelo de Porto de Mós (fonte: *viajar Portugal*)

Porto de Mós tem origens romanas, como é corroborado por vestígios encontrados (hoje no Museu Municipal de Porto de Mós e em colecções privadas), tais como fíbulas, alfinetes, mosaicos, ânforas, vestígios de mineração, utensílios de ferro, moedas e inscrições, muitas delas nas paredes do Castelo (Ramos, 1971).

O Castelo de Porto de Mós foi erguido pelos Árabes, que o utilizavam como abrigo, já que era com certa frequência que saíam para roubar e devastar povoações. Foi conquistado pelo primeiro Rei português, Dom Afonso Henriques em 1148, depois entregue a sua guarda ao alcaide Dom Fuas Roupinho. Dom Fuas, um bravo cavaleiro de confiança do Rei, recebeu esta incumbência e uma guarnição para a defesa do Castelo de Porto de Mós (Ramos, 1971).

Os mouros, não satisfeitos com a perda do seu castelo em 1180 voltam a Porto de Mós com o objectivo de reconquista-lo, comandados pelo Rei Gamir, de Merida. Dom Fuas deixa o Castelo nas mãos dos seus mais valentes homens e segue para Santarém para pedir ajuda. O Rei Gamir logo iniciou o combate e julgava que facilmente tomaria o Castelo. Dom Fuas, esperou que eles cansassem ao lutar com a pequena guarnição que deixou no Castelo, e atacou-os quando estavam a dormir, com soldados vindo de Santarém e Alcanede. Dom Fuas e seus acompanhantes foram recebidos em Coimbra com todas as honras merecidas pelo Rei Dom Afonso Henriques (Ramos, 1971 p.19).



Em 1182 morre Dom Fuas, e em 1185 morre o Rei Dom Afonso Henriques. Depois destes acontecimentos os Mouros voltam a Porto de Mós, e desta vez destroem o Castelo e toda a povoação. Em 1200 o Rei Dom Sancho I reedifica e alarga a fortaleza e manda reconstituir a povoação, que se manteria em poder dos portugueses (Cacela, 1977).

Em 1279 Dom Dinis sobe ao trono como o 6º Rei de Portugal, casa-se com Dª Isabel de Aragão, também conhecida por Rainha Santa, a quem o Rei doa através de uma carta em 23 de Junho de 1287, Porto de Mós, Sintra, Óbidos e Abrantes. A Rainha Santa Isabel fez várias intervenções no Castelo, principalmente na parte interna (Ramos, 1971 p.41; Gomes, 2005 p. 38). Estando Porto de Mós a dar muitos prejuízos ao Rei, pois havia desacordo e atrasos nos pagamentos das rendas e as colheitas estavam cada vez mais reduzidas, o Rei Dom Dinis concede a “carta foro” ao concelho de Porto de Mós no dia 24 de Julho de 1305 (Ramos, 1971 p.37).

O Rei Dom Fernando sobe ao trono em 1367, e mandou reparar as muralhas e fortalezas do Castelo, pois segundo refere o cronista Fernão Lopes (Lopes, 1992), o Castelo de Porto de Mós deve ter sido objecto de grande cuidado, por ser uma vila muito fiel ao Rei. D. Fernando morre em 1383 e deu origem à reivindicação do trono português por parte do Rei de Castela, casado com a filha de D. Fernando, Dª. Beatriz de Castela. Quem assumiu como monarca foi o irmão de Dom Fernando, Dom João I, que luta ao lado do nobre cavaleiro Dom Nuno Álvares Pereira contra a pretensão do Rei de Castela e evitar a perda da independência. Travou-se assim a Batalha de Aljubarrota no dia 14 de Agosto de 1385 onde Portugal vence e garante a independência portuguesa. Dom João, em reconhecimento, recompensou o seu honrado e fiel servidor, o Condestável D. Nuno Álvares Pereira, em 20 de Agosto de 1385 por carta, onde consta a doação de muitas vilas incluindo a de Porto de Mós e o seu Castelo. Todos os alcaides, moradores e povoadores ficaram a dever obediência ao Condestável (Gomes, 2005 p.50; Ramos, 1971 p.43).

Dom Nuno passa alguns dias a Porto de Mós, e onde travou a Batalha de Aljubarrota mandou construir uma pequena igreja em honra da Virgem Santa Maria e de São Jorge, onde tivesse a sua bandeira para lembrar aquela vitória. Esta pequena edificação hoje está incluída no património nacional. Dom Nuno teve 3 filhos, sendo D Beatriz Pereira de Alvim a única mulher que se casou com o filho bastardo de D. João I, Dom Afonso.

Tiveram dois filhos, Dom Afonso e Dom Fernando, que receberam o espólio de seu avô o Condestável em 1422, ficando D. Fernando, 3º Conde de Arraiolos, e D. Afonso, 4º Conde de Ourém e dono de Porto de Mós (Gomes, 2005 p.51).

Dom Afonso, o grande reformador do Castelo, foi responsável por transformar o Castelo Militar em Fortaleza Solar, construção semelhante à que fez no Castelo de Ourém (Ramos, 1971 p.55). Alguns historiadores defendem que a linhagem de reconstrução do Castelo foi trazida por Dom Afonso, das grandes viagens que fez. As do Castelo de Porto de Mós, em especial, defendem que foi após uma viagem à terra santa, mais propriamente numa vila chamada Emaús, na Palestina, depois de ver uma igreja romana com formas rectangulares. Supostamente estas intervenções que fizeram foram após o ano de 1455 (Ramos, 1971 p.56).

Em 1755 ocorre o grande terramoto. A estrutura do Castelo fica completamente destruída, e em 1909 outro sismo de menor intensidade e também o vandalismo dos homens se encarregaram de deixar o Castelo completamente em ruínas (Gomes, 2005 p.67; Ramos, 1971 p.56).

A primeira intervenção após os terramotos acontece no período de restaurações em Portugal nos anos 40, intitulado a “regeneração” por António de Oliveira Salazar. As artes e a arquitectura foram privilegiadas neste período com as sucessivas recuperações dos monumentos nacionais por todo o país. A Direcção-Geral de Monumentos Nacionais (D.G.M.N) criada em 1926 foi integrada no ministério das obras públicas e comunicações, sendo instituição responsável pelas obras de recuperação dos monumentos. Foi da responsabilidade de António Ferro, na época nomeado como director do Secretariado de Propaganda Nacional (S.P.N), coordenar as iniciativas respeitantes às artes e às comunicações adoptadas pelo Estado Novo (Pinto, 2008)

O Castelo de Porto de Mós fez parte dos 92 castelos intervencionados entre 1929 e 1949, não constando nos boletins da Direcção-Geral de Monumentos Nacionais por seu estado de conservação ter sido avaliado como estando em ruínas. Este processo de reconstrução durou 11 anos (Correia, 2010).

A Câmara de Porto de Mós foi responsável pela segunda e última intervenção no Castelo após os terramotos. As obras tiveram início a 30 de Janeiro de 1998 e terminando a 30 de Julho de 1999, após uma candidatura da Câmara ao programa

PROSIURB (programa de Consolidação do Sistema Urbano Nacional e apoio a execução dos PDM) lançado em 1994, que vigorou até o final do ano de 1999. Este programa tinha como objectivo “a valorização das cidades médias”. Segundo dados fornecidos pelo departamento de obras públicas da Câmara Municipal de Porto de Mós, as obras no Castelo custaram aproximadamente 500.000 euros, sendo participado em 75.000 euros pelo programa PROSIURB.

Esta última obra consistiu na recuperação da parede lateral direita do Castelo, execução de pavimento térreo e um sistema de comunicação das torres à parte sul. Visou ainda a criação de infra-estruturas como sanitários, recepção, bar, instalações eléctricas interior e exterior, colocação de pára-raios e rede telefónica (Biblioteca Municipal, s.d).

### **2.1. Arquitectura actual do Castelo de Porto de Mós**



**Figura 2.** Vista interna do Castelo de Porto de Mós, (foto de Dias dos Reis) 2007

O Castelo de Porto de Mós apresenta uma arquitectura estilo gótico e renascentista, possuindo uma planta pentagonal irregular. É o único Castelo que possui 5 torres, 3 na parte de trás e 2 na frente, sendo que uma das torres de trás não foi reedificada nas últimas restaurações. As duas torres da frente são concluídas por coruchéus em forma de pirâmides em escamas de cerâmica na cor verde-escuro. Entre as torres da frente, existe uma varanda dupla, com abóbadas de aresta por arcos conopiais misulados. No centro de cada abóbada há um brasão, um do Rei Dom Afonso Henriques e outro de Dom Afonso, Conde de Ourém (Ramos, 1971 p.67).

As portas e janelas são rectangulares e ogivais, as portas da parte interna central do Castelo são denticuladas, exactamente iguais às do Castelo de Ourém. Na entrada do Castelo há dois balestreiros, onde eram lançadas pedras, bestas, azeite e água quente sobre os inimigos. No átrio há uma coluna jónica, que deveria sustentar um entablamento que já não existe. A coluna e as peças do entablamento foram retiradas de dentro da Cisterna do Castelo em 1940. Também foi retirado um baldaquino gótico delicadamente trabalhado, que servia de abrigo a uma imagem de Nossa Senhora, de que foi encontrada apenas o tronco já bastante danificado (Ramos, 1971, p.67).

## **2.2. Dom Fuas Roupinho**

Possivelmente um Templário, este cavaleiro está ligado a Reconquista Cristã da Península Ibérica. Foi um dos cavaleiros de confiança do Rei Dom Afonso Henriques. D. Fuas Roupinho é uma figura de que não se conhecem provas documentais. Seu nome foi primeiramente referenciado no século XVI por Frei António Brandão (Brandão, 197) e Duarte Galvão (Galvão, 1906) que se supõe tratar-se de Fernão Gonçalves conhecido como o “Faroupim” mencionado no *Livro de Linhagens* do conde D. Pedro (Brocardo, 2006 ) ligado a D. Afonso Henriques e às incursões navais dos Mouros sobre Lisboa.



**Figura 3.** Dom Fuas Roupinho, gravura da colecção de Tito Calixto (s.d)

Dom Fuas foi o primeiro comandante naval português, responsável pela primeira vitória da Marinha Portuguesa no Cabo Espichel, contra uma esquadra muçulmana em 1180. Em 17 de Outubro de 1182 fez uma incursão marítima a Ceuta contra os Mouros onde foi derrotado e veio a falecer (Galvão, 1726 p. ix). Camões refere-se a Dom Fuas Roupinho nas estrofes 16 e 17 do Canto VIII Os Lusíadas:

*Vês este que, saindo da cilada,  
Dá sobre o Rei que cerca a vila forte?  
Já o Rei tem preso e a vila descercada:  
Ilustre feito, digno de Mavorte!  
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,  
No mar também aos Mouros dando a morto,  
Tomando-lhe as galés, levando a glória  
Da primeira marítima vitória.*

*Os Lusíadas*, estrofe 16 do Canto VIII.

*É, Dom Fuas Roupinho, que na terra  
E no mar resplandece juntamente,*

*Com o fogo que acendeu junto da serra  
De Abila, nas galés da Maura gente.  
Olha como, em tão justa e santa guerra,  
De acabar pelejando está contente:  
Das mãos dos Mouros entra a feliz alma,  
Triunfando, nos céus, com justa palma.*

*Os Lusíadas*, estrofe 17 do Canto VIII .

Este lendário personagem também está ligado à lenda da Nazaré. Tendo Dom Fuas saído à caça com seus companheiros, em dia de nevoeiro muito forte, perdeu-se dos amigos. Apareceu um grande veado e o cavaleiro não queria perder a oportunidade. Aproximou-se do animal, que se deixou chegar, e em seguida desatou a correr em direcção ao penhasco rochoso. O cavaleiro só percebeu que estava em perigo quando viu o veado cair ribanceira abaixo. Tentou parar o cavalo, mas a velocidade era tal que nenhuma força humana era capaz de fazer. Quando percebeu o que ia acontecer, invocou Nossa Senhora da Nazaré, que surgiu do céu em frente a montanha, e fez com que o cavalo estacasse imediatamente, onde fincou os cascos traseiros na rocha. O Veado que se tinha atirado ao precipício, transformou-se em fumo negro, seria o Diabo “a tentar” o cavaleiro. Em agradecimento a este milagre, D. Fuas mandou construir a capela da Memória, na Nazaré (Marques, 2009).

Pouco se sabe acerca deste corajoso cavaleiro, mas em Porto de Mós ele ainda é lembrado através dos nomes de estabelecimentos comerciais, da designação da rádio do concelho, e principalmente como o guardião do Castelo, mesmo após 862 anos.

### **3. Estruturas culturais existentes**

Além do Castelo, descrito antes, em Porto de Mós existem actualmente 6 estruturas culturais: o Espaço Jovem, o Museu Municipal, Biblioteca Municipal, Ecoteca, Casa de Cultura de Mira de Aire, e o Cineteatro.

Em 25 de Julho de 2009 no jardim municipal de Porto de Mós foi inaugurado o Espaço Jovem, um espaço com 10 computadores, *scanners*, impressoras, jornais e revistas, uma sala para exposições temporárias, e uma sala de leitura.

O museu municipal foi inaugurado em 1989, mas actualmente está fechado. Se houver interesse em visitar há que solicitar a sua abertura na Câmara. O museu está em estado deplorável, com aparentes estalactites no tecto, e muita humidade nas peças.

As peças do museu não estão catalogadas, muitas fazem parte de um conjunto de objectos que estão espalhados e sem informações, peças sem origem e em estado de decomposição.

O actual presidente da Câmara João Salgueiro tem um projecto em andamento para a restauração da Termoeléctrica desactivada que se localiza na entrada da vila de Porto do Mós, que será o novo Museu Municipal, e acolherá o espólio do museu e o arquivo que está em construção (comunicação pessoal, Junho 2009).

A vila tem uma biblioteca, com três andares divididos em livros e periódicos, livros infantis / espaço lúdico, e áudio e vídeo. A biblioteca tem o bibliomóvel, carrinha que vai às escolas a cada 15 dias, e onde cada criança pode requisitar até 2 livros.

As funcionárias da biblioteca organizam exposições, horas do conto para crianças no espaço lúdico, workshops de artesanato e pintura, e teatro.

No centro da vila está localizada a Ecoteca, ligada ao Parque Natural de Serra de Aire e Candeeiros, fomentando a consciência da fauna e flora locais.

Existe um cineteatro, o prédio pertence à câmara municipal mas é explorado por um particular. Passa filmes quatro vezes por semana, as sextas, sábados, domingos e segundas. Nos restantes dias permanece encerrado.

Em Mira de Aire, está em construção a Casa de Cultura de Mira de Aire, com finalização prevista para o final de 2010. O espaço terá um anfiteatro, cine teatro, espaço para exposições e feiras, e espaço de convívio

## **Capítulo III – Metodologia e Contexto**

### **1. Formação Pedagógica:**

Para conhecer a realidade educativa dos museus fiz algumas visitas técnicas com o objectivo de caracterizar e comparar os Serviços Educativos. Observei a estrutura museológica, o conteúdo pedagógico da programação e das visitas, a capacitação dos educadores dos museus, e o contributo das instituições para a sociedade.

Em Portugal visitei cinco instituições:

- Museu Nacional de Arte Antiga,
- Museu do Chiado,
- Museu Colecção Berardo,
- Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota e o Mosteiro da Batalha.

No Brasil visitei a cidade de São Paulo e estive em quatro instituições:

- Museu Itaú Cultural,
- Pinacoteca do Estado de São Paulo,
- Museu Lasar Segall,
- Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.



## **2. Visita ao Museu Nacional de Arte Antiga**

O Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) surge como museu em 1884, então chamado Museu de Belas-Artes e Arqueologia. A partir de 1911 o museu adopta a actual designação de Museu Nacional de Arte Antiga dividindo o seu acervo com mais duas outras instituições, o Museu Nacional de Arte Contemporânea e o Museu Nacional de Arqueologia (MNAA, 2008).

O museu é o maior de Portugal, comportando 70 salas divididas em três pisos, mais exposições temporárias. O espaço também está adaptado a estrangeiros, nomeadamente as visitas podem ser orientadas em inglês, espanhol, alemão e francês, mas não tem capacidade para receber grupos de pessoas com necessidades especiais, especial caso dos surdos que devem ser acompanhados de tradutores (MNAA, 2008).

Em 1924 o Dr. João Couto era conservador do Museu e assume procedimentos de modo a tornar o Museu num local de utilidade pública, trazendo seus alunos da Escola Pedro Nunes para uma visita de estudo. A experiência é compassiva, circula em outras escolas e torna o museu um ponto de encontro e descobertas, sendo esta uma acção pioneira.

Em 1953 o nasce Serviço Educativo no Museu de Arte Antiga, o primeiro do país na época. Coordenado pela Dra. Madalena Cabral, implementou as bases do Serviço Educativo, proporcionando um espaço aberto com debates e partilha de experiências (Mendes J, 2009 p.35). Hoje o Serviço Educativo está a cargo da Dra. Maria de Lourdes Riobom.

A visita ao Museu aconteceu em dois momentos, o primeiro uma apresentação do Museu como instituição e como é composto o Serviço Educativo, e o segundo, a visita à obra de Nuno Gonçalves: *Os Painéis de São Vicente*.

Nosso grupo era composto por 23 pessoas, todos alunos do mestrado em Educação Artística da FBAUL. Estivemos sentados nas escadas do museu durante uma hora e quinze minutos, a espera do final desta conversa com Dra. Lourdes Riobom, com o objectivo de caracterizar o Serviço Educativo do Museu (ver figura 4).



**Figura 4.** Dra. Maria de Lurdes Riobom e Prof. Doutor João Pedro Fróis na visita ao MNAA, 2008 (foto de Carla Patrícia)

O que ouvimos no museu foi de pouco interesse para o nosso objectivo, estávamos à espera de algumas respostas sobre a estruturação do Serviço Educativo e muitas coisas não ficaram claras, por exemplo, como eram desenvolvidas as oficinas no museu, ou como eram feitas as actividades pedagógicas com os grupos escolares. Soubemos que existia uma oficina que foi demolida e deixando o museu sem espaço para actividades contínuas.

Segundo a Dra. Riobom, o Serviço Educativo dá formação a professores antes das visitas com as escolas, formação que terá duração de 5 horas, o que me pareceu demasiada.

Os materiais didácticos são elaborados por pessoas de fora da instituição, separados por idades e onde um mesmo manual serve para quatro museus diferentes: Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, Museu Nacional do Traje, Museu Nacional do Teatro e o Museu

Nacional de Arte Antiga. Os materiais estão divididos em > 3 anos, > 6 anos, > 10 anos, adultos, com boa qualidade embora com uma função mais lúdica que pedagógica.

Observei o *site* do Museu Nacional de Arte Antiga, cheio de propostas e actividades, visitas programadas, cursos, conteúdo histórico sobre a instituição, informações sobre as colecções, exposições e formação, e assim consegui reunir mais alguns dados para a minha pesquisa.

Na segunda parte visitámos os *Painéis de São Vicente de Fora*, a obra mais emblemática do Museu. A Dra. Maria de Lourdes Riobom manteve uma postura distante, talvez por este motivo a participação do público foi pequena, os colegas não colocaram questões, nem a Dra. Riobom as fez.

A um Serviço Educativo de Museu compete criar novos relacionamentos com públicos diferenciados, promover a formação destinada a docentes e discentes, acompanhar estágios profissionais e desenvolver actividades de carácter pedagógico, transversais à programação cultural.

É impossível não anotar as carências e insuficiências deste Serviço Educativo. Compreendo que a acessibilidade aos meios financeiros de um museu público não são as mesmas de um museu privado, mas a qualidade deste serviço está na criatividade. É possível oferecer uma visita construtiva e de qualidade apenas com a qualificação dos educadores, desenvolvendo a imaginação e a sensibilidade, estimulando a reflexão e incentivando novos hábitos culturais e reforçando as praticas pedagógicas vindas do circuito escolar.

### 3. Visita ao Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado

O Museu Nacional de Arte Contemporânea está localizado no centro histórico de Lisboa, num local que tem traços contemporâneos, com um público bastante alternativo e misto. O Museu apresenta a arte portuguesa a partir da segunda metade do século XIX. O Museu do Chiado foi criado em 1911 e herdou a outra parte da divisão do Museu Nacional de Belas Artes, tendo ficado com as obras realizadas a partir de 1850. Em 1994 foi reconstituído com um novo projecto, tendo então a actual imagem (Museu do Chiado, 2008).

O serviço Educativo é dirigido pela Dra. Catarina Moura que é formada em Psicopedagogia. Esta formação na minha opinião é muito importante para o museu pois os visitantes podem ser orientados de uma forma coerente e pedagógica, devido às metodologias aplicadas. A Dra. Catarina Moura trabalha na área educativa dos museus há mais de 20 anos, tem um grande potencial, mas tem sofrido com as limitações financeiras do museu que impedem a contratação de funcionários, fazendo com que suporte a maior parte do trabalho.



**Figura 5.** Dra. Catarina Moura na visita ao Museu do Chiado, 2008 (foto de Carla Patrícia)

O Museu do Chiado está como outros na mesma situação, requer verba para materiais básicos. A divulgação das exposições fica a critério das possibilidades financeiras da instituição tendo às vezes como único veículo o site. A falta de divulgação pode ser um agravante na criação de públicos, os visitantes que não sabem o que vão encontrar no museu e nem qual exposição estará patente.

O espaço do museu é limitado, não dispõe de muita capacidade para a exposição permanente, sua área é praticamente ocupada com a rotatividade das exposições temporárias. O Planeamento Estratégico do Instituto dos Museus e Conservação (IMC), apresentado em Janeiro de 2010 em conferência de imprensa, pretende definir as prioridades para os museus tutelados pelo Estado. O Dr. João Brigola actual director do IMC diz que será consubstanciado o alargamento que há muitos anos se aguardava para o Museu do Chiado, que irá ocupar a totalidade da área do antigo Convento de São Francisco, em articulação com a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Isso permitirá ao museu expor em permanência a colecção de arte portuguesa o que será o ponto mais importante da sua programação (Duarte, 2010).

As visitas guiadas são desenvolvidas para vários públicos, nomeadamente as escolas, sendo feitas oficinas pedagógicas e também visitas para professores. Existem também visitas guiadas para o público em geral aos sábados 15h30 e domingos as 12h00. Ateliês, no máximo com vinte e cinco pessoas, contam com a ajuda da escola de artes visuais Arte Ilimitada. As actividades pedagógicas são realizadas junto da exposição, não tendo ficado claro se esta opção é de carácter pedagógico ou falta de espaço, mas penso que o espaço exterior também poderia ser uma mais-valia para o museu.

Quanto a avaliação, não existe actualmente nenhum processo para avaliar o trabalho desenvolvido. A Dra. Catarina só tem o retorno das actividades que são realizadas no museu.

O que pude concluir nesta visita é que a realidade dos museus tutelados pelo estado é a de um museu sem verbas, sem apoios, com poucos colaboradores, o que cria desmotivação profissional até no melhor funcionário. A Dra. Catarina tem uma formação pedagógica o que é de grande utilidade na posição em que se encontra, mas a instituição neste momento não está preparada financeiramente e espacialmente para

reorganizar a proposta pedagógica existente e muito menos para investir em novas ideias.

#### **4. Visita ao Museu Coleção Berardo**

O Museu Coleção Berardo está localizado no CCB, em Lisboa. É um museu jovem, foi inaugurado em 25 de Junho de 2007. Inicialmente o projecto de acesso ao museu era de entrada gratuita até o final de 2008, mas como a aceitação e o número de visitantes foram muito grandes, a direcção do museu resolveu estender o prazo de não pagamento por tempo indeterminado. O museu é o único em Portugal aberto todos os dias, com horário prolongado às sextas-feiras até as 22h00 (Museu Berardo, 2008).

A instituição conta com uma colecção permanente que é reconhecida no panorama internacional como uma colecção de arte de grande significado que, além de certos núcleos de excelência, permite acompanhar os principais movimentos artísticos do século XX. A representação de mais de 70 correntes artísticas evidencia o forte pendor museológico e didáctico desta colecção. Diversas exposições temporárias acabam por fazer uma integração com a colecção permanente do museu. Esta interacção é um dos objectivos do Serviço Educativo (Museu Berardo, 2008).

A maior afluência do museu são as visitas provenientes das escolas, e a centralização das visitas orientadas segue nesse âmbito, sendo as actividades divididas por faixa etária, segundo os cadernos de programação e a brochura de programas de actividades. O Serviço Educativo tem actividades para crianças e jovens de 3 a 15 anos, todas as escolaridades. O programa de actividades para escolas chama-se “Participar”, as actividades para famílias chama-se “Envolver” e o programa da 3ª idade, ainda em fase de implementação seria “Aproximar”. O Museu pretende ter os seniores como um publico assíduo. A meu ver o trabalho gráfico do museu tem uma boa qualidade, além de ter alguma preocupação pedagógica e informações sobre as obras, mas não propõe reflexão posterior.

A visita ao museu foi feita com o grupo de mestrandos de Educação Artística da FBAUL, que foi dividida em duas partes, a primeira uma visita orientada à exposição “*Não te posso ver nem pintado*” e um encontro com a directora do Serviço Educativo do Museu no anfiteatro do mesmo.



A recepção foi bastante informal, a monitora Ana Rito foi quem nos orientou a visita (ver figuras 6 e 7) no início deu uma breve explicação sobre a exposição e como são feitas as orientações das exposições de uma forma geral. Os monitores têm formação nas áreas de Artes Plásticas (alguns são artistas), Designers e da área de História da Arte, e são eles que desenvolvem o conteúdo das visitas.

A monitora faz algumas perguntas logo após a nossa apresentação, de forma a introduzir meios para a compreensão da obra aproximando a nossa observação a realidade do artista. Será uma contradição ao que foi dito inicialmente, que o objectivo era fazer a intermediação da obra e com o observador.



**Figura 6.** A mediadora Ana Rito, visita ao museu Colecção Berardo, 2008, (foto de Carla Patrícia)



**Figura 7.** Museu Colecção Berardo, visita orientada, 2008 (foto de Carla Patrícia)

Sem dúvida que a exposição foi diversificada com trabalhos arrebatadores mas nem todos os pormenores são absorvidos, como refere Eilean Hooper-Greenhill (1999) em *“Learning in Art Museums: Strategies of Interpretation”* quando fala dos processos de interpretação, que a construção da significação depende do conhecimento prévio, das crenças e valores, e vai depender do quanto sabemos, assim seremos capazes de melhor interrogar-nos e usar o que nos é conhecido.

A visita à exposição não foi propriamente uma visita direccionada a alunos de mestrado, foi uma visita trivial, tentei imaginar mesmo como se fosse a primeira vez que entrava num museu, e tentar tirar o máximo de proveito da visita. Algumas intervenções poderiam ser feitas naquela visita.

A última parte da visita seguiu de uma conversa informal com a directora do Serviço Educativo do museu, a Dra. Cristina Gameiro. Estivemos no anfiteatro a fazer perguntas de carácter pedagógico, sobre o funcionamento do espaço, como eram feitas as actividades e as oficinas com as crianças e como era o processo de avaliação do Serviço



Educativo. Nem todas as questões a Dra. Cristina Gameiro conseguiu responder ao nosso grupo. A inquietação maior do Serviço Educativo era nos apresentar toda a exposição e dar minuciosos dados sobre as obras e artistas, e esse não era o nosso maior objectivo, o tempo não foi bem gerido para as duas partes da visita, e o momento que estivemos com a Dra. Cristina foi feito à pressa, pois já passava da hora do almoço.

Ficou claro que o museu tem tido algumas preocupações com a informação que os visitantes levam consigo, mas estes ficam muito absorvidos com a parte estética da instituição. É um museu que está em mudanças, muito jovem, e a vontade de melhorar muitos aspectos foi sentida nesta conversa. É um museu que não tem se baseado em modelos em Portugal, tem usado ideias e conceitos diferentes dos que são vistos usualmente, e é uma equipa muito jovem e criativa. A Directora do Serviço Educativo evidenciou muita vontade de desenvolver novos projectos, e de fazer um trabalho muito favorável à componente pedagógica. Actualmente a instituição tem sido construída conforme o retorno das pessoas, mas tem ainda uma representação muito publicitária.

## 5. Visita ao Mosteiro da Batalha

Mosteiro de Santa Maria da Vitória, mais conhecido como Mosteiro da Batalha, foi mandado construir no reinado de D João I em agradecimento a Virgem Maria pela vitória na Batalha de Aljubarrota. É um dos símbolos nacionais mais marcantes na arquitectura gótica (IGESPAR, 2010). O Mosteiro é gerido pelo IGESPAR, não tendo nenhum tipo de relação com a autarquia onde está localizado.



**Figura 8.** Mosteiro da Batalha 2009, fonte própria

O Primeiro contacto com o Serviço Educativo no Mosteiro da Batalha foi uma conversa informal com a coordenadora Dra. Rita Quina, que pacientemente descreve como são as visitas e os conteúdos programáticos. Nesta mesma conversa surgiu o convite por parte da Dra. Rita Quina para acompanhar uma visita guiada com crianças do 5º e 6º ano, que aconteceria no dia seguinte.

A Visita iniciou na porta de entrada do Mosteiro, onde a Dra. Rita Quina explica que o Mosteiro não é um castelo por isso não moravam lá Reis e Rainhas, que era habitado por frades, e quem eram as pessoas representadas nas esculturas exteriores. Visitámos

os túmulos de D. João I, de D. Filipa de Lencastre e de seus filhos, a Capela imperfeita, a Sala do capítulo, a Capela do Fundador, o Claustro Real.

O conteúdo da visita é de interesse histórico, a mediadora disse que existe um outro tipo de visita para grupos académicos, não tendo alteração no conteúdo, apenas na postura da mediação. Existe também uma visita nocturna que acontece apenas uma ou duas vezes ao ano em períodos de festa, normalmente em Agosto, onde a mediadora veste-se de frade e conduz as pessoas pelo escuro apenas com um candeeiro a querosene. O formato da visita foi o mesmo em todos os espaços, expositiva, não tendo nenhum diálogo entre o público e a mediadora. A visita tem a duração de 1 hora.

Por sugestão da Dra. Rita Quina fui ao Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota acompanhar este mesmo grupo de crianças numa nova visita.

## **6. Visita ao Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota**

A Fundação Batalha de Aljubarrota foi fundada em Março de 2002 por António Champalimaud. O objectivo da Fundação é a promoção, requalificação e a preservação, do ponto de vista patrimonial, cultural e social, do campo militar onde decorreu a Batalha de Aljubarrota, situada no Campo de São Jorge, nos concelhos de Porto de Mós e da Batalha. Neste segmento iniciou-se o projecto para a criação do Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota, sendo inaugurado a 11 de Outubro de 2008 (Fundação Aljubarrota, 2010)

O Centro possui um protocolo com o IGESPAR para trabalhar em conjunto com o Mosteiro da Batalha. Os Serviços Educativos destes dois espaços trabalham uma história que se inicia no Mosteiro e finaliza no Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota (CIBA).

A visita inicia na entrada onde uma conversa de 15 minutos com a mediadora onde ela faz perguntas às crianças sobre a Batalha de Aljubarrota, explica quando e como aconteceu a batalha simplificadamente para auxiliar o entendimento do filme. Em seguida, eles entram para uma sala onde vão assistir o filme sobre a batalha de Aljubarrota, que tem duração de 30 minutos. O filme conta toda a trajetória da Batalha de Aljubarrota. Depois de saírem da sala de projecção, as crianças são direccionadas para uma outra sala onde relembram os pontos mais marcantes da Batalha e as consequências, onde a mediadora pergunta o que poderia ter acontecido se Portugal perdesse a batalha, e o que aconteceu depois desta vitória. Mostram alguns ossos encontrados por arqueólogos com cortes provocados por armas.

No Centro de Interpretação existe uma sala onde funciona o ateliê, que segundo a coordenadora é pouco utilizada pois a faixa etária das crianças que são recebidas no Centro normalmente não solicita visita com ateliê. O CIBA atende crianças a partir dos 6 anos de idade, com a justificativa de o filme não estar adaptado a crianças menores por ter cenas de violência.

Pude observar as duas visitas no Mosteiro da Batalha e no CIBA, que o comportamento do mesmo grupo tem muitas diferenças. A primeira divergência é o comportamento no espaço, o Mosteiro é um monumento onde a visita foi conduzida em máximo silêncio, e sem interacção do monitor com os visitantes nem dos visitantes com o espaço. No

CIBA toda a visita foi conduzida através de um diálogo entre o público e o monitor, tudo bem coordenado tanto quanto ao tempo como quanto ao conteúdo. O filme de 30 minutos ao meio da visita está muito bem conseguido, é auto explicativo e bastante pedagógico. Isto fez com que houvesse mais interesse do grupo. O segundo ponto de observação foi o resultado da visita, houve muito mais perguntas e participação do grupo no CIBA que no Mosteiro, muitas das perguntas eram ainda dúvidas que traziam da visita anterior que ficaram por esclarecer.

A capacidade pedagógica de um museu, acredito estar na competência do mesmo em acompanhar as exigências actuais do seu público. Um espaço que mantém a sua forma de dispor informação sem actualização é um espaço que vai se tornar pobre e desinteressante. O bom espaço é aquele que recebe o mesmo visitante muitas vezes e não muitos visitantes de uma só vez.

O Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota tem uma semelhança com o Castelo no facto de não terem espólio físico da Batalha de Aljubarrota, assim como o Castelo, tem apenas a história e uma arquitectura já muito modificada.

O Centro oferece formação pedagógica para professores. O objectivo desta formação, segundo a coordenadora do Serviço Educativo, é capacitar os professores a conduzir a sua turma a uma visita ao museu, fazendo um trabalho prévio, e após a visita, transformando o património em um recurso pedagógico, auxiliando na criação de ferramentas metodológicas para tirar melhor partido dos recursos patrimoniais, construindo o conhecimento e as estratégias de aprendizagem. Esta formação foi assistida por mim e teve a duração de quatro horas.

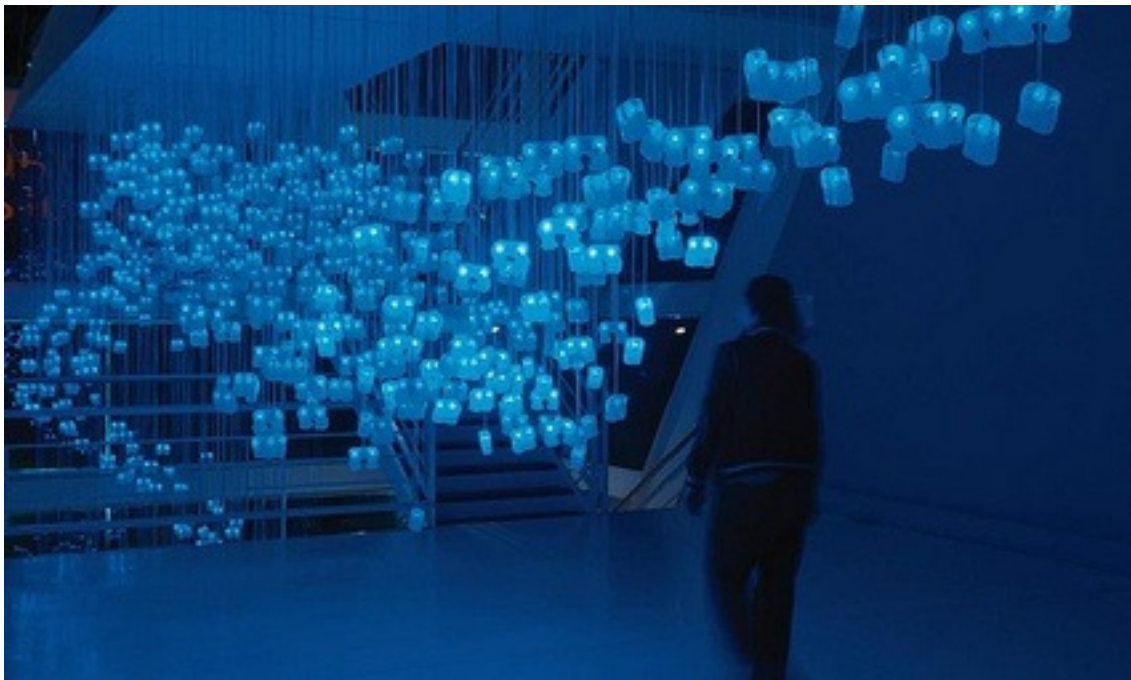
Além de contribuir para o projecto do Castelo, o CIBA aguarda a aprovação da criação do Serviço Educativo para criar um protocolo que visa incluir o Castelo de Porto de Mós no seu roteiro de visitas, protocolo que já existe com o Mosteiro da Batalha.

## 7. Visita ao Museu Itaú Cultural de São Paulo

Com indicação da Dra. Ana Mae Barbosa, iniciei troca de emails com a Dra. Renata Bittencourt, coordenadora do Serviço Educativo do Itaú Cultural, onde agendamos nosso encontro.

O Itaú cultural é uma instituição de iniciativa privada pela fundação Banco Itaú, está localizado no coração da cidade de São Paulo na conhecida Avenida Paulista. Foi fundado por Olavo Setúbal em 1980, quando constitui um acervo privado que hoje possui mais de 3,6 mil obras. O Itaú cultural é um espaço voltado para as Artes Visuais, novas tecnologias, dança, teatro, *shows*, seminários e música. Todas estas ofertas são gratuitas (Itaú Cultural, 2010).

Pude acompanhar uma visita orientada com a educadora Cláudia Machado, pela exposição “Autonomia Cibernética” uma das 3 exposições que compõe a 5ª Bienal Internacional de Arte e Tecnologia (emoção art.ficial 5.0). Todas as exposições são inspiradas na Cibernética, máquinas e seres vivos.



**Figura 9.** Bion, formas de vida, Andrew H. Fagg e Adam Brown. Itaú Cultural, foto de Edouard Fraipont (2010).





**Figura 10.** Bill Vorn, Historical Machines. Itaú Cultural, foto de Edouard Fraipont (2010).

A exposição era composta com trabalhos interessantes, um deles do português Leonel Moura que reproduz no espaço do Itaú Cultural o mesmo trabalho que desenvolveu no Jardim Central em Alverca em 2007, o Robotarium, o primeiro zoológico de robôs do mundo, cada um deles distinto e com seu comportamento próprio (ver figura 11).



**Figura 11.** Robotarium, Leonel Moura. Itaú Cultural (2010)

A visita começa numa sala que foi chamada de sala do acarinamento, onde o educador - como são chamados os mediadores - conversa com os visitantes sobre o que é a exposição e o que será visitado. Nesta sala as crianças vão a casa de banho, comem e tiram fotos. A visita normal tem duração de 90 minutos, os educadores atendem também grupos com necessidades especiais, sendo estas visitas mais longas, 120 minutos. O Itaú Cultural recebe crianças a partir dos 6 anos de idade.

Os Educadores têm obrigatoriamente formação pedagógica, além disso recebem formação específica sobre a colecção e as exposições temporárias. Além de conduzirem as visitas, dão palestras, seminários e formações aos professores. Todos os educadores estão capacitados para atender públicos especiais. Os educadores descrevem a visita como dialéctica, eles têm como objectivo estimular a aprendizagem despertando a participação do grupo. Na visita que assisti a educadora foi muito concreta, falou das obras afirmando o sentimento que elas nos transmitem, um dos objectivos principais da exposição (emoção art.ficial 5.0).

Além das visitas orientadas, o Itaú Cultural também apoia projectos na área das Artes Visuais, pesquisa, teatro e música, através do programa Rumos que vai na 13ª edição,



com 11 milhões de reais (aproximadamente 4,6 milhões de euros), disponíveis para financiar até 134 projectos. O programa Rumos deu origem à Colecção Rumos Educação, Cultura e Arte, disponíveis no *site* do museu.

O processo de avaliação da visita é feito em três partes. Primeiro é feita uma entrevista ao professor quando a visita é agendada e no final da visita o professor responde a um questionário de avaliação, tal como o educador que acompanhou a visita também responde um questionário de avaliação onde descreve a acção, a sua prestação na visita e a prestação do grupo.

O Itaú não é só um museu com exposições, ele tem uma função social dentro da cidade de São Paulo. Todos os programas são gratuitos, além de terem uma cota mensal para um autocarro que busca e leva grupos de visitantes em qualquer lugar da cidade, se estes não tiverem possibilidades de deslocação. O museu vai ao encontro de pessoas que não costumam visitar espaços culturais, moradores de rua, catadores de lixo, prostitutas, proporcionando a estas pessoas uma experiência diferente, até possivelmente uma sensibilização cultural.

## **8. Visita a Pinacoteca do Estado de São Paulo**

Depois da visita ao Itaú Cultural fui convidada a conhecer o trabalho da Pinacoteca do Estado de São Paulo, coordenado por Mila Chiovato.

A Pinacoteca de São Paulo é de propriedade do Governo do Estado de São Paulo, com protocolo com a prefeitura da Cidade de São Paulo (Câmara), por estar localizada num jardim que é de propriedade municipal. A Pinacoteca guarda o acervo pertencente ao estado. Além do acervo a Pinacoteca recebe exposições temporárias, podendo acolher até cinco em simultâneo.

Fui recebida pela assistente da coordenadora, Maria Stella Bibianno, que explicou como nasceu o Serviço educativo e mostrou uma apresentação com todos os programas educativos que fazem parte da Acção Educativa da Pinacoteca.

O Serviço Educativo nasceu em 2002 depois de uma pesquisa realizada pela Pinacoteca para saber o perfil do público visitante. Quando perceberam as necessidades do público frequentador e o não frequentador, foram desenvolvidas as acções para o Serviço Educativo a partir das obras da colecção do museu. Foram feitas reparações no edifício para garantir a acessibilidade ao museu, e programas pedagógicos para atender todos os visitantes. O Serviço Educativo da Pinacoteca tem 3 programas distintos:

### *1. Programa Educativo para públicos Especiais – PEPE;*

O Programa inclui uma rota sensorial, com descrição em Braille, além de recursos multissensoriais, reproduções das obras da colecção em bi, e tridimensionais, em EVA, resina e madeira (ver figuras 12, 13 e 14), catálogo e folhetos em Braille. Este programa também inclui um *Curso em Ensino da Arte na Educação Especial Inclusiva*, para capacitar educadores e profissionais das áreas das artes, museus e saúde.



**Figura 12.** Exemplo dos materiais de apoio sensorial que integram o programa PEPE da Pinacoteca do Estado, em cima a esquerda a representação da obra de Tarsila do Amaral, Antropofagia, bidimensional em resina, em cima a direita, uma maquete tridimensional em madeira, em baixo a direita a imagem da obra, em baixo a esquerda a mesma obra em EVA, (2010).



**Figura 13.** Reconstituição da obra Antropofagia de Tarsila do Amaral, em resina, peça integrante do programa PEPE da Pinacoteca. (2010).



**Figura 14.** Reconstituição da obra Antropofagia de Tarsila do Amaral tridimensional em madeira, maquete integrante do programa PEPE, da Pinacoteca (2010)

*1. Programa de Inclusão Sociocultural – PISC;*

Este programa é coordenado pela Dra. Gabriela Aidar, tem como objectivo promover o acesso ao espaço cultural a pessoas desprovidas desta oportunidade. Este programa vai até estas pessoas mostrar o que é a Pinacoteca, e convidar para que venham visitar o espaço.

*2. Consciência funcional;*

Coordenado pela educadora Stella Bibianno, é um trabalho de consciencialização cultural com os funcionários do museu, a partir de actividades lúdicas, jogos, trocas de experiências, vivências, para que todos, mesmo seguranças, recepcionistas, funcionários da limpeza, que normalmente não trabalham dentro da exposição, percebam que o seu trabalho é tão importante como qualquer outro, e estejam sensibilizados para a arte e

actualizados para as exposições que estão acontecendo no museu, desde o conhecimento sobre o artista às obras mais importantes.

A capacitação de professores acontece nos cursos que são oferecidos durante o ano, desde cursos sobre a coleção do museu a cursos de História da Arte, geralmente ministrados por educadores ou professores convidados.

Os educadores do museu são licenciados em História, Educação Artística ou Artes Visuais, recebem formação sobre o acervo e a cada 15 dias recolhem-se um dia só para estudo em grupo, fazer leituras, avaliar os materiais de mediação e o formato das visitas e apresentar novas propostas. Cada educador, quando acompanha um grupo de visitantes, leva consigo um saco a tira colo, e dentro deste saco tem imagens diversas, uma tela pintada para demonstrações de pinceladas, bem como recipientes de vidro para sal e pimenta, existindo dentro destes vidros pedaços de tinta de óleo e acrílica que os visitantes cheiram para através do olfacto aprenderem a identificar uma tinta da outra. Uma forma utilizada pelos educadores para evitar que as pessoas toquem nas obras é trazer dentro do saco pedaços de molduras, telas sem uso, pincéis espátulas, para os visitantes tocarem e conhecerem os materiais de pintura antes de se transformarem em uma obra.

Vários objectos são utilizados como material de mediação durante as visitas: podem ser frutas de plástico, instrumentos musicais, espelhos, e outros objectos que simbolicamente vão construindo jogos no meio da visita. São utilizados para ajudar a compreensão e o envolvimento do grupo com a obra. Um exemplo da utilização destes objectos é na representação da natureza morta, onde fazem em grupo durante a visita uma composição com frutas de plástico, bules, toalhas de croché, colheres, vasos com flores de plástico, onde os monitores explicam aos visitantes as características deste género de pintura.

A parte prática da visita acontece no pátio interno do museu onde existem tapetes para acomodar os grupos. Cada educador neste local faz se acompanhar por um carrinho de tamanho aproximado aos que costumamos ver nos supermercados, dentro deste carro existem dos mais variados materiais de desenho, pintura, colagem, e até encenação. O educador reúne o grupo nos tapetes, todos fazem uma reflexão sobre a visita,



esclarecem dúvidas, e desenvolvem um trabalho a partir desta reflexão. O Educador decide qual actividade prática fazer de acordo com a fruição da visita e com a reflexão, onde ele observa os pontos de maior interesse do grupo e a forma de compreensão.

A avaliação da visita é feita em três momentos: um pré inquérito junto do professor no acto do agendamento, outro momento em que o professor responde a um questionário de avaliação após a visita, e outro ainda em que o educador também avalia, tanto ele como mediador, como a prestação do grupo.

## 9. Visita ao Museu Lasar Segall

O Museu Lasar Segall foi uma sugestão de visita também da coordenadora do Itaú Cultural, Renata Bittencourt. Meu contacto no Museu Lasar Segall foi com a coordenadora da Acção Educativa, Anny Lima. Após algumas trocas de e-mail, verificamos a impossibilidade de nos encontrar pessoalmente, Anny Lima sugeriu que tivéssemos uma reunião por vídeo chamada via *Skype*, que aconteceu no dia 14 de Setembro de 2010, e teve a duração de 2:49 horas.

O Museu Lasar Segall, federal desde 1985, é diferente dos habituais museus, pois o Lasar Segall é a casa do artista, o seu ateliê, o seu jardim e as suas obras, que se fundem transformando o espaço todo numa obra compacta no meio da natureza. O museu fica na zona sul de São Paulo, mas quando se entra no museu ninguém diz que estamos numa cidade cosmopolita como São Paulo (Museu Lasar Segall, 2010).

O Serviço Educativo do museu até 2008 foi coordenado pela educadora Denise Grinspum, quando em sua tese de doutoramento questionou se a escola tinha ou não um papel fundamental na criação de públicos, e a partir desta questão começou a pesquisar o perfil dos estudantes e escolas que visitavam o museu Lasar Segall. A partir dos resultados desta pesquisa, em 2000, criou uma ligação personalizada entre o museu e as escolas que o visitam. Este modelo de visita mantém-se activo até hoje: a qualidade e a visita personalizada é o diferencial deste espaço. A actual coordenadora Anny Lima descreveu os programas do museu, as visitas, e os educadores.

São quatro programas que compõem o Serviço Educativo:

### *1. Museu escola*

Quando este programa iniciou em 1985, não era hábito os professores levarem os alunos aos museus, eram os educadores dos museus que iam até à escola levar material para discussão, apresentar algumas obras da colecção, e falar sobre o artista Lasar Segall. A partir desta iniciativa algumas escolas organizavam-se para visitar o museu. Hoje o museu não vai até as escolas mas este contacto com elas ainda existe.

### *2. Museu do seu tamanho*

É um projecto para crianças de 3 a 6 anos em período pré-escolar, como a equipa pedagógica do museu não possui educadores com formação pré-escolar, contam com apoio grupos de pesquisa e outros educadores de infância para elaborarem as actividades para este grupo etário.

### 3. *Museu Família*

Este programa está dividido em três partes:

*Arte em Família:* com actividades, jogos pedagógicos sempre relacionados com a colecção do museu.

*Histórias no Jardim:* trabalham o museu como espaço de lazer, contam histórias no jardim e fazem reflexões.

*Oficina de Arte:* não tem relação directa com a colecção do museu. Com a duração de uma hora e meia, é aberta ao público no 2º domingo de cada mês com limite de 30 pessoas, e é coordenada por educadores.

### 4. *Museu comunidade*

Este programa atende instituições de educação não formal, de deficientes ou com pessoas com necessidades especiais, está dividido em dois módulos:

*O Segall inclui:* Faz o atendimento à deficientes, pessoas com mobilidade reduzida, cegos e surdos.

*Trocas culturais:* É o programa social, atende fundações, sem abrigos, crianças em situações de risco, organizações não governamentais, este programa conta com o apoio da secretaria de assistência social do estado de São Paulo.

O Serviço Educativo é composto por 6 educadores, 1 coordenador e 3 estagiários, estes números podem sofrer alterações todos os anos, oscilando sempre entre 6 a 8 educadores. As visitas são personalizadas e elaboradas com 15 dias de antecedência. Após uma entrevista com o professor, é montado um percurso que melhor se adequa ao perfil do grupo. A duração da visita é duas horas e acontece em três momentos: o primeiro é feito no anfiteatro do museu, dura 20 minutos com apresentação de imagens, onde os educadores fazem o contexto histórico e biográfico de Lasar Segall. O segundo



instante tem duração de uma hora e é a visita à exposição, com leitura das obras, jogos e reflexão. O terceiro momento é a parte prática da visita: os visitantes são encaminhados para o ateliê, onde fazem actividades plásticas, desenho, pintura, colagem, gravura, usando técnicas que foram utilizadas pelo artista Lasar Segall.

O educador dirige uma acção dialéctica, onde todos aprendem uns com os outros. O educador estimula o pensamento criativo e o pensamento crítico utilizando a metodologia triangular de Ana Mae Barbosa e a teoria sociocultural de Vygotsky.

Por ser um atendimento personalizado, o educador só atende um grupo de manhã e outro a tarde. Todas segundas-feiras passam o dia em reunião com a coordenação para discutirem as visitas semanais e os resultados das avaliações das visitas. Cada escola só pode agendar 3 grupos por mês, e a comunicação entre a escola e o museu é constante: desde o agendamento o museu envia um informativo aos professores com os conteúdos programáticos da visita, medidas de segurança das obras, notas sobre a climatização do espaço que fica em torno dos 18° a 20°.

Para a coordenadora, a qualidade no atendimento aos visitantes, e a não cobrança de números por parte dos mecenas, faz com que o museu se torne uma referência em educação na cidade.

## **10. Visita ao Museu de Arte Contemporânea de São Paulo - Projecto “Lazer com Arte para a Terceira Idade”**

O Museu de Arte Contemporânea de São Paulo é gerido pela Universidade de São Paulo (USP). Além das exposições, o museu tem um projecto para a terceira idade chamado “Lazer com Arte para Terceira Idade”, consiste num ateliê que desenvolve trabalhos e projectos a partir de obras que fazem parte da colecção do MAC, fazendo uma reflexão aos movimentos artísticos e conhecendo os artistas modernos e contemporâneos (Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, 2010)

Sylvio Coutinho, arte-educador criou o programa em 1989, há 21 anos sem interrupção. Ele recebe pessoas com mais de 60 anos, uma vez por semana. Sylvio proporciona a estas pessoas um entendimento aprofundado sobre as obras de arte e os artistas, formando um pensamento crítico e uma outra forma de observar a arte. A partir destas discussões, é proposto a composição de um novo trabalho misturando, conceitos de um ou mais artistas. O resultado é um aluno exigente, sensível, com melhor auto estima e com evolução das capacidades críticas.

Além de todo este trabalho de discussão da obra, Sylvio consegue naturalmente acrescentar a inclusão digital no programa das aulas, fazendo com que o grupo se comunique todos os dias por e-mail, que fotografem seus trabalhos em aula e trabalhem as multifuncionalidades do programa Photoshop, além de todas as imagens que são discutidas no ateliê serem mostradas pelo Google imagens e projectadas do computador para um grande monitor LCD.

No dia em que estive presente no ateliê, falaram dos artistas Volpi e Karel Appel, observando a parte mais expressiva da pintura destes artistas. Sylvio propôs ao grupo que pensasse em algo que poderiam retirar de cada um para construir o seu próprio trabalho. Em seguida ele apresenta a proposta do dia, pede que o grupo pegue numa folha de papel de desenho A3, que façam um fundo colorido com rolo ou spray e depois escolham algumas cores de papel espelho e a seguir que rasgassem livremente as folhas uma a uma, para depois, com estes pedaços, tentarem construir algo que figurativo (ver figuras 15 e 16). Depois de todos fazerem seus trabalhos, estes foram expostos num cordel na frente da sala, enquanto Sylvio fazia uma avaliação individual sobre a

proposta e o resultado final. Cada um fotografou seu trabalho e ainda experimentaram uma das imagens modificadas no Photoshop.



**Figura 15.** Actividade no atelier do MAC USP, com alunos do projecto “Lazer com Arte para a Terceira Idade”. Fonte: própria.



**Figura 16.** Actividade no atelier do MAC USP, com alunos do projecto “Lazer com Arte para a Terceira Idade”, exposição dos trabalhos para avaliação. Fonte: própria.

Este grupo se organiza para visitar outros museus e instituições, desafiam-se a construir instalações, ou fazem piqueniques, passeios, viagens, sempre através da Arte.

## 11. Conclusão

Os museus em São Paulo estão mais preocupados com a educação e com que ela chegue a todos os públicos, estão mais desenvolvidos na educação social e inclusiva. A profissão educador de museu ainda não existe no Brasil, e o mesmo acontece em Portugal, com uma diferença, é que os museus em São Paulo só recrutam profissionais para esta função com formação superior na área pedagógica, História e Educação Artística.

Comparando o Museu Lasar Segall com o Museu Colecção Berardo pude observar as diferenças na visita orientada: os dois museus recebem crianças a partir de 3 anos, a visita tem a duração de uma hora e meia no Segall e no Berardo 50 minutos, e ambos os museus são gratuitos. No Museu Segall cada educador ou monitor só pode fazer duas visitas por dia, sendo uma de manhã e outra à tarde, e entre uma visita e outra o educador deve fazer um relatório descritivo sobre a sua prestação e a da escola, que são comparados com a avaliação feita pela escola. No museu colecção Berardo os monitores fazem cinco a seis visitas por dia, e não fazem avaliação, são avaliados pela coordenação do serviço educativo. O conteúdo pedagógico no Segall é adaptado individualmente a cada escola, nota-se que há muito mais preocupação educativa nesta instituição.

O Museu Segall na minha opinião é um modelo educativo, com programas inclusivos, e sociais, com profissionais qualificados. Nele a preservação e reconhecimento deste artista é a consequência da qualidade do seu Serviço Educativo. A Colecção Berardo é um museu com abertura educativa, tem uma coordenadora bastante qualificada, tem colecções muito atractivas, mas ainda falta fortalecer a educação, embora o caminho para esta conquista tenha sido positivo.

O Itaú Cultural é uma instituição privada, integra grupos de pesquisa e financia projectos de investigação, assemelhando-se à Fundação Calouste Gulbenkian em Portugal. A diferença é a preocupação com o conteúdo a trabalhar depois em sala de aula: o Itaú oferece aos professores pranchas com imagens das obras do Museu e sugestões para trabalhos futuros.

O Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota com o seu conteúdo programático voltado à Batalha, tem um filme, alguns ossos dos combatentes e armas. O Centro de Interpretação, tal como o Mosteiro da Batalha e o próprio Castelo de Porto de Mós, são espaços quase sem espólio material, tendo como meio principal toda a carga histórica que carregam. A abordagem educativa nestes dois espaços são muito diferentes: enquanto no mosteiro é uma apresentação histórica assemelhando-se a uma instituição formal, a do Centro de Interpretação é dialéctica e expositiva.

O Museu do Chiado e o Museu Nacional de Arte Antiga são reflexos da realidade financeira e preocupação cultural do país. Neste momento são os mais prejudicados. O Museu do Chiado e o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo são os que se igualam em designação, o de São Paulo é gerido pela Universidade de São Paulo: seria como se o do Chiado fosse gerido pela Universidade Lisboa. A diferença é que o da USP é um objecto de estudo, onde os estudantes têm acesso e aprendem com a gestão do museu da universidade. Visitei um projecto para a 3ª idade que acontece há 20 anos, sensibilizando e ensinando arte através da colecção do museu, projecto inédito.

A Pinacoteca do Estado de São Paulo tem uma missão educativa muito forte, que abrange todos os públicos, inclusive os funcionários que não estão directamente ligados as exposições, desde os porteiros, seguranças, responsáveis pela limpeza: todos devem conhecer as obras do museu. Os educadores têm uma função muito exigente, são eles que avaliam as visitas e o conteúdo pedagógico, além de estudarem novas ideias para as visitas. A Pinacoteca tem programas de inclusão, e programas sociais, material de apoio aos professores, maquetas sensoriais, material em Braille e educadores com formações específicas para cada função. Acho que a Pinacoteca tem o melhor formato, e melhores materiais de apoio aos educadores, facilitando a interiorização dos visitantes.

Neste momento os museus de São Paulo que visitei têm melhores condições pedagógicas para receber visitantes, todos os museus têm avaliação e preocupação em melhorar a qualidade educativa, e têm muitas pesquisas em curso dentro dos museus onde o serviço educativo baseia-se em teóricos e na experiência de outros museus com sucesso pedagógico nos Estados Unidos e na Europa.

Em Portugal estas preocupações educativas existem, mas a educação museológica ainda não é vista como prioridade: ainda é obrigação das escolas educar para a arte e cultura. As escolas não se servem à vontade do maior laboratório de arte que são os museus.

## **Capítulo IV – Planeamento e experiência das actividades**

### **1. Justificação**

Porto de Mós, como descrito no capítulo II, actualmente conta com sete estruturas culturais: o Espaço Jovem, o Museu Municipal, Biblioteca Municipal, Ecoteca, Casa de Cultura de Mira de Aire, o Cineteatro e o Castelo.

Escolhi o Castelo para ser o suporte deste projecto de educação artística em contexto pelas suas qualidades desafiadoras, por ser um recurso local inexplorado, pela sua proeminência em contraste com a sua pouca ou nenhuma utilização, para além da riqueza cultural e histórica.

Com efeito o Castelo de Porto de Mós parece reunir muitos dos ingredientes para melhor catalisar acções de educação artística e de animação cultural. Sendo um recurso endógeno até hoje praticamente inexplorado, o Castelo materializa realmente um suporte inestimável às acções que o tomem como apoio físico, quer no que respeita aos seus conteúdos culturais enraizados na história, quer nas muitas outras acções que se podem idealizar partindo do seu pretexto e visando a captação de novos públicos para a educação artística. O Castelo permanece na vila como um monumento silencioso, até mesmo difícil de visitar e em estado notório de esquecimento. Tudo isto tornou mais oportuna a escolha, que além de permitir activar este valioso património local, também poderá contribuir para uma outra atenção que os responsáveis e agentes regionais possam prestar, quer às acções de educação artística em contexto, quer à valorização de recursos da envergadura histórica deste singular Castelo.

### **2. Contacto com os professores**

O contacto com os professores aconteceu informalmente. Fui junto de cada um apresentar as actividades que tinha desenvolvido para cada sala, o tempo de duração das acções e os objectivos da actividade. Este primeiro contacto, além da apresentação das actividades, permitiu saber o que eles conheciam sobre a história do Castelo. Tratava-se de averiguar a opinião das educadoras sobre os recursos pedagógicos do Castelo, se pretendiam fazer algum trabalho prévio à visita, qual a opinião delas sobre a acção que



iria ser desenvolvida, e recolher o perfil das educadoras. Conversei com quatro educadoras, três do Jardim de Infância de Porto de Mós – Ana Fernandes, sala dos 3 anos, Maria José Silva, sala dos 4 anos, São Carreira, sala dos 5 e 6 anos – e a educadora da Fonte do Oleiro – Élia Lopes, sala mista. As educadoras têm em média 50 anos de idade e entre 25 e 30 anos de carreira na educação pré-escolar.

Quanto à história do Castelo as educadoras do Jardim de Infância de Porto de Mós disseram conhecer bem a história do Castelo, e até referiram alguns conhecimentos históricos. A educadora da Fonte do Oleiro Élia Lopes disse só conhecer a história vulgar, sobre o Dom Fuas e as actividades de defesa do Castelo. Sobre os recursos pedagógicos que possam ser explorados no Castelo, a opinião da educadora Ana Fernandes é que além da história ser linda é possível romancear o Castelo associando a história real com as dos contos de fadas. A educadora Maria José Silva disse que o Castelo tem uma enorme carga histórica, emotiva e estimula o imaginário das crianças Lembrou ter brincado muitas vezes quando criança no Castelo e que o mesmo faz parte da sua infância. A educadora São Carreira também passou sua infância no Castelo, acha que explorar as táticas de defesa com as crianças é algo que eles gostariam. Contou que há alguns anos, quando era possível ver o Castelo da janela da escola, as crianças desenhavam muitas vezes e tinham trabalhos muito bonitos sobre o Castelo. Hoje a educadora trabalha apenas com uma figura do Castelo afixada a parede. A educadora Élia Lopes, da Fonte do Oleiro, disse que o mais interessante no Castelo é a natureza que existe a volta, a linda paisagem que se pode avistar do alto, os meios de defesa do Castelo e o simbolismo que tem para Porto de Mós.

Quanto a desenvolver alguma actividade antes da visita, todas foram unânimes em dizer que costumam trabalhar o tema com eles antes de qualquer visita, com actividades ou com histórias. A educadora Ana Fernandes pretende trabalhar o tema através de uma história sobre o Castelo e o Dom Fuas. A educadora Maria José Silva pretende trabalhar o tema através da expressão plástica construindo coroas para as meninas e malhas de ferro para os meninos à partir de materiais recicláveis. A educadora São Carreira pretende trabalhar o tema através de história e ilustração. A educadora Élia Lopes pretende trabalhar o tema sobre o Castelo com uma história, e explorar as formas geométricas e a natureza.

As educadoras também deram suas opiniões sobre a acção e algumas sugestões de actividades. A educadora Ana Fernandes acha que a acção pode ser uma mais-valia para a educação e estímulo da aprendizagem, sugerindo um baú com roupas e um espelho para as crianças se vestirem no Castelo. A educadora Maria José Silva acha que um projecto educativo para o Castelo é uma necessidade antiga. A educadora São Carreira acha que acções como esta deveriam continuar porque há pouca oferta para o público pré-escolar, sugeriu colocar música no Castelo. A educadora Élia Lopes acha que a forma de abordagem é válida, gostaria de experimentar todas as actividades no Castelo com seus alunos e pretende explorar o tema mais vezes ao ano.

Para todas as educadoras o Castelo tem um significado especial, para as que viveram em Porto de Mós também simboliza a infância, elas descreveram como era o Castelo há alguns anos com emoção, contaram o quanto era perigoso andar sobre as pedras no Castelo, que eram altas e sem protecção mas que nunca aconteceu nada a ninguém, e que era o lugar preferido dos namorados e das crianças.

### **3. Planeamento das actividades**

#### **3.1. Primeira Parte: Castelo**

Após a recolha histórica sobre o Castelo de Porto de Mós, observei, nas passagens mais importantes, as que poderiam despertar maior interesse nas crianças. Foi o ponto inicial para a escolha das actividades.

Pontuados os interesses principais, iniciei a fase de construção e divisão das actividades. O esquema que utilizei na elaboração de cada uma foi: *o tema+conteúdo+técnica*. O exemplo deste esquema pode ser observado na primeira acção, “A história de Dom Fuas Roupinho, contada na 1ª pessoa:”

- *Tema*: História do Castelo de Porto de Mós;
- *Conteúdo*: Dom Fuas Roupinho, o primeiro alcaide do Castelo de Porto de Mós, e locais históricos no interior e exterior do Castelo;
- *Técnica*: visita orientada, encenação da personagem.

Na segunda acção, intitulada “Mini arquitectos:”

- *Tema:* História do Castelo e arquitectura;
- *Conteúdo:* Apreciação histórica do Castelo, construção do imaginário, estilo gótico e formas geométricas;
- *Técnica:* Visita orientada pelos pontos mais simbólicos do Castelo.

Na terceira e última acção aplicada neste projecto, que foi nomeada “Os Donos do Castelo:”

- *Tema:* A história dos mais importantes donos do Castelo de Porto de Mós, personagens conhecidos da história portuguesa,
- *Conteúdo:* Construção simbólica, história do Castelo.
- *Técnica:* Apresentação da história a partir de objectos.

Depois de definidas quantas actividades iriam ser desenvolvidas, a escolha dos temas, conteúdos e técnicas de apresentação, foi necessário adaptar todo conteúdo às capacidades cognitivas das crianças de 3 aos 6 anos. Este foi o momento de recorrer à psicologia da educação e à experiência dos educadores de infância.

Jean Piaget mostra como é construído o processo cognitivo na criança. Segundo a sua teoria, existem 4 estádios de desenvolvimento cognitivo no ser humano, o Sensório Motor (0 aos 3 anos), Pré Operatório (3 aos 6 anos), Operatório Concreto (7 aos 11 anos) e Operatório Formal (a partir dos 12 anos) (Palangana, 2001 p.25).

O estádio cognitivo que se adequa ao grupo etário que foi abrangido neste trabalho é o estádio Pré Operatório. As características mais importantes deste estádio são:

- A capacidade simbólica, através da linguagem, da imitação e do jogo
- O pensamento egocêntrico e autocentrado. A criança vê o mundo a partir da sua própria perspectiva, não imagina que possa haver outros pontos de vista possíveis.
- O pensamento estático, em que a criança vive somente no presente.
- A memorização, com o reconhecimento e interiorização de palavras.

- A reversibilidade: as crianças são incapazes de reconhecer o processo inverso ao observado.
- A centralização, em que as crianças são incapazes de identificar que uma quantidade pode ser igual, mesmo que a sua forma se altere.

Piaget também estudou sobre o desenvolvimento da moralidade até a adolescência enquanto Lawrence Kohlberg estudou a vida moral até a maturidade. Para Kohlberg existem seis estágios no desenvolvimento moral e estão divididos em três níveis, pré convencional, convencional e pós convencional. Na moralidade convencional onde são incluídas as crianças de 3 a 6 anos, o egocentrismo é uma das características, assim como no estágio Pré Operatório de Piaget. Este egocentrismo da criança transformar-se-á aos poucos no desejo de agradar aos pais e às pessoas que lhe são importantes (Nadelhoffer, 2010 p.40).

Na teoria sociocultural de Vygotsky ele defende que desenvolvimento intelectual das crianças acontece em função das interações sociais e condições de vida. Para Vygotsky a linguagem simbólica desenvolvida pelo ser humano tem um papel semelhante aos instrumentos de trabalho, os signos fazem a mediação entre o homem e a realidade, chamando aos signos de “instrumentos simbólicos”. Um dos conceitos mais importantes de Vygotsky é o de Zona de Desenvolvimento Proximal, (ZDP). É um esquema que diferencia o que a criança consegue realizar sozinha, o desenvolvimento real, e aquilo que embora não consiga fazer sozinha é capaz de aprender a fazer com uma pessoa mais experiente, o desenvolvimento potencial (Vygotsky, 1978, p. 84).

Todas estas teorias foram fundamentais para o planeamento das actividades, em Piaget foi possível encontrar um método para seguir, já em Vygotsky encontrei métodos para pensar. O procedimento seguinte foi a elaboração de um plano para cada actividade que foi baseado na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (Barbosa e Coutinho, 2009 p.17). A proposta triangular propõe os seguintes temas:

- **Conhecer arte** (história da arte) facilita a compreensão de que arte se dá num contexto, tempo e espaço onde estão as obras de arte.

- **Apreciar arte** (análise da obra de arte) desenvolve a capacidade de observar e descobrir as qualidades da obra de arte. É a partir da apreciação que se desenvolve o senso estético.
- **Fazer arte** (fazer artístico) desenvolve a expressividade. Os alunos adquirem capacidades de elaborar imagens, experimentando os recursos da linguagem, as técnicas existentes e a invenção de possíveis formas de desenvolver sua expressão criadora.

Os planos das actividades foram baseados nestes 3 eixos da Proposta Triangular, apreciar, no eixo da afectividade, conhecer, no eixo cognitivo, e o produzir, no eixo psicomotor (ver exemplo no quadro 1).

**Quadro 1:** *Exemplo do plano da actividade “Os Donos do Castelo”*

<b>Eixos de aprendizagem</b>	<b>Objectivos específicos</b>	<b>Conteúdo</b>
<b>Apreciar</b>	Envolver-se na história do Castelo.	História dos donos do Castelo associada a objectos simbólicos
<b>Conhecer</b>	Identificar os donos do Castelo através de objectos, história e expressão corporal.	História do Castelo de Porto de Mós
<b>Produzir</b>	Criar uma cena colectiva utilizando os elementos e recursos básicos da linguagem teatral	Construção da história dos donos do Castelo de Porto de Mós através de objectos simbólicos

A avaliação das actividades com crianças com idade pré-escolar normalmente é feita com critérios evolutivos e comparativos, por exemplo, desenvolver uma actividade para um grupo de crianças (grupo A), repetir a mesma actividade para outro grupo (grupo B), obtendo assim critérios comparativos entre os dois grupos. Já no processo evolutivo,

apresentaria a actividade ao grupo, a seguir trabalharia o tema da actividade, e depois repetiria a actividade, comparando a prestação do grupo entre a primeira e a segunda actividade.

Para avaliar as actividades desenvolvidas no Castelo baseei-me na Taxonomia dos Objectivos Educacionais, conhecida como Taxonomia de Bloom. Esta taxonomia classifica os objectivos educacionais em seis níveis do raciocínio. Sua lista de processos cognitivos é organizada do mais simples, que é ter a informação, ao mais complexo, que implica julgamento sobre o valor e a importância de uma ideia. Em 1999 o Dr. Lorin Anderson, um antigo aluno de Bloom, publicou uma versão actualizada desta Taxonomia com o objectivo de corrigir alguns problemas da original (Anderson, 2001).

A dimensão Processo Cognitivo, da Taxonomia de Bloom revista, tal como na versão original, possui seis capacitações. São, da mais simples à mais complexa: lembrar, entender, aplicar, analisar, avaliar e criar.

- **Lembrar:** Lembrar consiste em reconhecer e recordar informações importantes da memória de longa duração.
- **Entender:** Entender é a capacidade de fazer sua própria interpretação do material educativo como leituras e explicações
- **Aplicar:** O terceiro processo, aplicação, refere-se a usar o aprendido em uma situação conhecida ou nova.
- **Analisar:** O processo seguinte é a análise, que consiste em dividir o conhecimento em partes e pensar como essas partes se relacionam com a estrutura geral. A análise é feita por meio de diferenciação, organização e atribuição.
- **Avaliar:** A avaliação, que é o item mais avançado da taxonomia original, é o quinto dos seis processos da versão revisada. Ela engloba verificação e crítica.
- **Criar:** Criação era um processo que não fazia parte da primeira taxonomia, é o principal componente da nova versão. Essa capacitação envolve reunir elementos para dar origem a algo novo.

Desenvolvi uma planificação de avaliação unindo uma segunda grelha ao quadro da planificação das actividades, que inclui a avaliação e os critérios utilizados. A coluna

avaliação corresponde ao momento em que serão avaliados e o que se espera ser conseguido, e a coluna critérios corresponde às normas da avaliação (ver quadro 2).

**Quadro 2.** *Exemplo de planificação de avaliação baseada na Taxonomia de Bloom*

Avaliação	Critérios
<p>Contar uma história sequencial através de uma encenação improvisada: espera-se que os dois grupos, os actores e a plateia, interajam entre si para recriarem a história.</p>	<p>Após perguntar quem quer ser o personagem tal, será avaliada a percentagem de crianças a se oferecerem ao papel, bem como a percentagem de integrantes da plateia disposta a ajudar os actores.</p>
<p>Espera-se que as crianças recordem pelo menos 3 das personalidades apresentadas durante a actividade.</p>	<p>Uma vez apresentadas as personalidades, serão feitas perguntas no final da actividade devendo as crianças identificar pelo menos 3 nomes</p>
<p>Espera-se que as crianças encenem uma pequena dramatização após cada nome apresentado a partir de objectos simbólicos que lhe serão entregues</p>	<p>Serão observadas as capacidades simbólicas através do uso dos objectos na encenação, se serão utilizados ou não, e se houve ligação do objecto com a história.</p>

### 3.2. Segunda Parte: Escolas

Participaram deste projecto três jardins-de-infância do concelho de Porto de Mós com crianças dos 3 aos 6 anos de idade. Segundo dados da Câmara Municipal de Porto de Mós existem 20 jardins-de-infância públicos no concelho, todos da responsabilidade da autarquia, abrangendo para um total de 517 crianças

O critério de escolha das escolas foi baseado na disponibilidade de transportes, sendo este o principal motivo da escolha do Jardim de Infância de Porto de Mós, muito

próximo ao Castelo, facilitando a deslocação das crianças e responsáveis, que fizeram o itinerário a pé.

A Câmara oferece às crianças do pré-escolar uma vez na semana durante quatro meses a possibilidade de frequentarem as piscinas municipais no horário escolar assegurando o transporte de ida e volta à escola. Este foi o motivo pelo qual optei pelo Jardim de Infância da Fonte do Oleiro, que optou por não frequentar as piscinas, e neste caso poderiam usar o benefício do autocarro para os levar ao Castelo. A segunda razão em escolher esta escola está no facto da animadora que colaborou neste projecto ser responsável pelo ATL desta escola, podendo ter uma observação destas crianças após a visita.

O Jardim de Infância de Porto de Mós tem 65 crianças e 3 Educadoras. As crianças são divididas em três salas por idade, uma sala dos 3 anos (19 crianças), uma sala dos 4 anos (24 crianças), e uma sala dos 5 e 6 anos (21 crianças). O Jardim de Infância da Fonte do Oleiro tem 20 crianças, convivem numa sala mista, em que há crianças com 3 anos (10 crianças), 4 anos (5 crianças) e 5 anos (5 crianças). Há uma terceira escola envolvida no projecto, o Jardim de Infância da Mendiga, que soube das actividades através da rádio local e foi inserida na própria semana que decorreram as actividades. É composta por uma sala mista com 21 crianças, em que há crianças de 3 anos (5 crianças), 4 anos (7 crianças), e 5 anos (9 crianças).

Visitei duas vezes as escolas de Porto de Mós e da Fonte do Oleiro, a primeira visita para apresentar-me e falar sobre o projecto, a segunda para marcar as datas da visita ao Castelo. Também pretendia saber o que as crianças conheciam sobre o Castelo e se as educadoras pretendiam trabalhar o tema com as crianças antes da visita.

#### **4. A experiência e as actividades**

##### **4.1. A personagem Dom Fuas Roupinho.**

A personagem Dom Fuas Roupinho é desempenhada pela mediadora Sónia Cordeiro, animadora sociocultural e com formação profissional em teatro, funcionária da Câmara, e responsável pelo ATL da escola Fonte do Oleiro. Em todas as acções a mediadora esteve vestida com um fato de traços medievais, em couro, uma capa em veludo azul-escuro e um capacete de tecido prateado imitando a



cota de malha, que nos foi emprestado pelo Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota. A mediadora Sónia Cordeiro teve um papel muito importante neste projecto pela sua formação e experiência de mais de 10 anos a trabalhar com crianças. Fez sempre a actividade com palavras claras, repetia sempre as partes mais importantes, e estimulava as crianças para as actividades com várias perguntas.

#### **4.2. As actividades**

As actividades decorreram nos seguintes dias:

- 13-04-2010 \_ “A História de Dom Fuas Roupinho Contada na 1ª pessoa”
- 14-04-2010\_”Mini arquitectos” (formas geométricas)
- 15-04-2010\_”Os Donos do Castelo” e “A História de Dom Fuas Roupinho Contada na 1ª pessoa”
- 16-04-2010\_”Os Donos do Castelo”

A primeira actividade, intitulada “A História de Dom Fuas Roupinho contada na 1ª Pessoa,” foi aplicada na sala dos 3 anos do Jardim de Infância de Porto de Mós no dia 13 de Abril de 2010 e na sala mista do Jardim de Infância da Mendiga no dia 15 de Abril de 2010.

As crianças do Jardim de Infância de Porto de Mós chegaram com 10 minutos de antecedência e foram recebidas por mim na porta do Castelo. Eu perguntava se sabiam o que vinham fazer no Castelo e quem morava nele, muitas disseram o rei, a rainha e as princesas, mas alguns disseram Dom Fuas. Então pedi que chamassem pelo Dom Fuas em voz alta e a mediadora, caracterizada como dom Fuas, abria a porta do Castelo e cumprimentava as crianças perguntando os nomes, de onde vinham, e convidava-as para entrar, e as crianças eram conduzidas para o interior da fortaleza.

Dom Fuas conta a história das batalhas que travou em defesa do Castelo de Porto de Mós no átrio à volta da cisterna, e enquanto conta vai apresentando as partes mais emblemáticas do Castelo intercalando à sua história (ver figuras 17 e 18).



**Figura 17.** Visita à cisterna do Castelo de Porto de Mós. Fonte: própria.



**Figura 18.** Visita a varanda e os balestreiros do Castelo de Porto de Mós. Fonte: própria



A mediadora leva as crianças para ver a cisterna que fica no centro do átrio do Castelo, leva as crianças para conhecer as 3 salas onde eram as dispensas, e mostra as torres explicando que estas eram os quartos, e na varanda mostra os brasões e os balestreiros.

No final da visita a mediadora mostra quatro cartões com desenhos estilizados simbolizando quatro partes da visita, onde se pretende que as crianças identifiquem as imagens e associem cada uma ao seu local (ver figuras 19 e 20). Todos os desenhos foram identificados e associados pelas crianças, com excepção das torres, que a maioria das crianças identificara como parte de uma história de romance contada antes da visita pela sua educadora.



**Figura 19.** Avaliação da actividade, apresentação da imagem torre do castelo. Fonte: própria.



**Figura 20.** Avaliação da actividade, apresentação da imagem balestreiros. Fonte: própria.

Depois da avaliação com as imagens, as crianças foram levadas para uma sala dotada com mesas, lápis de cor e canetas de feltro, onde o “Dom Fuas” entrega a cada criança uma chave de papel para as crianças personalizarem como entendessem (ver figuras 21 e 22). Ao final da visita a mediadora pergunta as crianças o que mais gostaram na visita e diz que a partir daquele momento eles passaram a ser guardiões do Castelo devendo cuidá-lo e preservá-lo e que poderiam voltar sempre que quisessem com os pais, amigos, irmãos ou tios.





**Figura 21.** Ateliê, lápis e canetas de feltro para elaboração da actividade prática. Fonte: própria.



**Figura 22.** Desenvolvimento da actividade prática no ateliê. Fonte: própria.

A visita teve alguns momentos de improviso pois a sua educadora estava sempre a interromper e a induzir as crianças com as respostas. O contratempo maior foi como alterar as expectativas de crianças de 4 anos que vinham à espera de encontrar cavalos, reis, princesas e príncipes a namorar nas torres, para além das que já tinham ouvido a lenda da Nazaré um dia antes da visita. O que estava planeado era uma história de batalhas contra os mouros, e o Dom Fuas foi questionado muitas vezes pelas crianças sobre “onde estavam as princesas”?

A mesma actividade “A História de Dom Fuas Roupinho contada na 1ª Pessoa” foi apresentada às crianças do Jardim de Infância da Mendiga no dia 15 de Abril de 2010, uma sala mista com 21 crianças. O formato da visita com esta escola da Mendiga foi o mesmo que foi aplicado na escola de Porto de Mós na sala dos 3 anos, acima descrito, com a diferença de esta sala não ter tido nenhum trabalho prévio à visita.

A segunda acção nomeada de “Mini arquitectos” tinha a intenção de trabalhar a história e a arquitectura do Castelo através das formas geométricas. Esta acção foi apresentada apenas uma vez para a sala dos 4 anos do Jardim de Infância de Porto de Mós.

A recepção das crianças foi igual em todas as acções, eu fazia a recepção e as crianças chamavam pelo Dom Fuas que vinha recebê-las e direccionava para o átrio do Castelo onde tiveram uma breve explicação sobre a história do Castelo. O Dom Fuas mostra quatro formas geométricas – um círculo, um triângulo, um quadrado e um rectângulo – em que cada forma tem uma cor diferente. O objectivo era que eles identificassem as formas. As primeiras respostas estiveram sempre à volta das cores das formas, depois de algum tempo identificaram as quatro formas sempre associadas às cores, por exemplo o círculo era amarelo, algumas crianças disseram ser um sol, a seguir identificaram a forma dizendo: um círculo amarelo.

Foram mostradas várias partes que mais representavam o estilo arquitectónico do Castelo, os arcos ogivais, as abóbadas, e as torres. Foi pedido que as crianças localizassem formas geométricas pelo Castelo, a partir do exemplo dado pelas torres, a forma triangular. Após as quatro formas geométricas serem localizadas em diferentes partes, as crianças foram direccionadas para a sala do ateliê. Foi-lhes entregue um desenho do Castelo de Porto de Mós sem os emblemáticos coruchéus verdes e proposto que imaginassem uma nova torre, como se fossem novos arquitectos do Castelo.

A terceira actividade intitulada "Os Donos do Castelo" foi apresentada a duas escolas: a sala dos 5 anos do Jardim de Infância de Porto de Mós e a sala mista do Jardim de Infância da Fonte do Oleiro. Neste dia, devido à chuva, a actividade aconteceu no interior, em uma das salas do Castelo. Esta acção tinha o objectivo de mostrar às crianças que o Castelo nem sempre foi como se vê hoje e que já pertenceu a muitas pessoas, para isto escolhi os sete mais importantes personagens da história do Castelo, em que alguns até são conhecidos da história de Portugal.

Dentro de um baú foram colocados sete objectos que representavam os sete donos do Castelo. Eram estes, um saco com areia, que simbolizava os mouros, uma coroa com o número um e outra com o número dois que representavam Dom Afonso Henriques e seu Filho Dom Sancho I, uma espada de madeira para representar Dom Fuas Roupinho, uma coroa cor-de-rosa com acabamentos em cruz, para simbolizar a Rainha Santa Isabel de Aragão, a bandeira da batalha de Aljubarrota para evocar Dom Nuno Álvares Pereira, e um avião de papel para representar o Dom Afonso Conde de Ourém.

"Dom Fuas" contou toda a passagem destas pessoas no Castelo de Porto de Mós sempre mostrando os objectos de forma que as crianças conseguissem encontrar a ligação com as personagens. Então a mediadora devolvia os objectos para dentro do baú e retomava a história do começo, chamando as crianças para reconstruírem a história, identificando os personagens e os objectos correspondentes. Com uma trégua da chuva as crianças conseguiram ir até às varandas e ver os balestreiros e as abóbadas, finalizando a visita.

Com a escola da Fonte do Oleiro foi aplicado o mesmo procedimento relatado, mas também com ateliê. Após a saída das varandas foram direccionados para a sala do ateliê, onde trabalharam a chave de papel. Um pormenor dispersou as crianças durante a acção: quase todas as crianças reconheceram a mediadora como não sendo Dom Fuas e sim a responsável pelo ATL daquela escola.

## **5. Avaliação das actividades.**

Fiz a observação destas acções baseada na grelha de objectivos que desenvolvi no planeamento das actividades. Esta grelha possui os conteúdos e objectivos de cada actividade e também a avaliação e os critérios utilizados. Além de observar o conteúdo da acção, foi tido em consideração envolvimento das crianças com a história, a participação nos diálogos, a compreensão do conteúdo e a produção plástica.

A idade das crianças foi uma limitação na forma da avaliação da actividade. Por este motivo preferi descrever esta avaliação por meio de um relato apreciativo, deste modo posso expressar alguns dos comentários mais interessantes que surgiram durante as actividades.

### **5.1. “ A história de Dom Fuas Roupinho, contada na 1ª pessoa”.**

Esta acção foi apresentada duas vezes, para o Jardim de Infância de Porto de Mós, sala dos 3 anos, e Jardim de infância da Mendiga, sala mista dos 3 aos 6 anos.

As crianças estavam atentas à história, intervieram com perguntas e comentários. Durante a visita aos pontos do Castelo, houve muita participação das crianças. Era um grupo muito interessado e curioso. Na sala do ateliê todos pintaram as chaves de papel, tendo uma das crianças pedido para sentar-se no chão para pintar. Na saída experimentaram a chave na porta de entrada do castelo, tendo um dos meninos chamado a atenção de outro que “a chave é mágica” (ver figuras 23, 24). As crianças deram outras utilidades às chaves, viraram aviões, pulseiras, telemóveis e espadas (ver figura 25). Assim, a magia e a imaginação também estiveram presentes nesta acção.





**Figura 23.** As crianças a tentarem abrir a porta com as chaves desenvolvidas no ateliê.

Fonte: própria.



**Figura 24.** Um plano mais aproximado das crianças a tentarem abrir a porta do Castelo com as chaves desenvolvidas no ateliê. Fonte: própria.





**Figura 25.** Dois cavaleiros a lutarem no castelo, exemplo da utilização das chaves como espadas. Fonte: própria.

O Dom Fuas mostra quatro imagens estilizadas de partes do Castelo que foram visitadas: a torre, os balestreiros, as portas das dispensas e a cisterna. As crianças identificaram todas as imagens, com exceção da torre, que era para ser reconhecida como o quarto do Dom Fuas e foi apontada como o quarto das princesas. Os balestreiros tiveram como primeiro comentário “aquilo lá em cima para mandar azeite,” identificaram o local e a utilidade, mas não reconheceram o nome. A cisterna, a primeira interpretação foi de uma menina que diz ser a casa de um passarinho, outro menino diz que é um poço, sendo esta a identificação mais próxima. A porta da dispensa foi identificada muito rapidamente, inclusive lembraram-se de que a comida era guardada dentro destas salas. As crianças, mesmo tendo identificado as imagens apresentadas estavam um pouco dispersas e desatentas pois estas perguntas foram feitas após o ateliê e deveriam ter sido feitas antes.

A sala dos 3 anos foi o grupo que demonstrou mais imaginação. Quando a visita terminou as crianças lancharam no pátio do Castelo, e enquanto eu conversava com a

educadora e a auxiliar testemunhei alguns comentários das crianças como: “adorei vir aqui”, “vou ter saudades do Dom Fuas”, “o que eu mais gostei foi de ver os cavalos”. Nesta acção ficou mais visível a parte emocional, o envolvimento das crianças com a história e a sensibilidade com que imaginaram personagens que nem sequer faziam parte da história, pois não tínhamos cavalos nem casa de passarinhos, nem chaves mágicas.

A mesma acção foi apresentada no dia 15 de Abril de 2010 para o Jardim de Infância da Mendiga, uma sala mista. As crianças chegaram ao castelo à espera de ver o “Rei”. Inicialmente só dois garotos respondiam às perguntas e só a meio da acção outros começaram a pronunciar-se levantando as mãos e associando a história do Dom Fuas com cenas do quotidiano. Por exemplo, uma criança contou a história do avô que busca água no poço para regar as plantas, outra criança diz que o avô também tinha lutado como o Dom Fuas, mas na guerra em Angola.

Quanto as mesmas quatro imagens foram apresentadas, os balestreiros foram identificado pelo nome por uma criança e as outras identificaram-no como “para mandar azeite quente”. Assim que foi mostrada a imagem da cisterna esta foi logo identificada por todos, uns por cisterna, outros por poço, e outros por água. As portas primeiramente foram identificadas como sendo o castelo, em seguida por torre, por último como porta, mesmo não identificando à primeira, o processo de assimilação foi rápido. A torre foi identificada por todos como torre e quarto do Dom Fuas.

Na sala do ateliê pintaram e desenharam imagens, e um dos garotos que ilustrou a visita desenhou cavalos e partes do Castelo, muitos desenharam a si mesmo, outros utilizaram apenas cores. Este grupo não teve nenhuma preparação antes da visita, não conheciam a história do Castelo e poucos sabiam quem era o “Dom Fuas.” Talvez por este motivo o interesse na história foi aumentando gradativamente no decorrer da acção: mesmo sendo um grupo menos participativo o resultado foi mais significativo na parte cognitiva.

## 5.2. “Mini arquitectos”.

A segunda acção tinha como objectivo trabalhar a história do castelo, as formas geométricas e o estilo gótico. Esta acção foi apresentada apenas uma vez no dia 14 de Abril de 2010 para o jardim de infância de Porto de Mós, sala dos 4 anos. As crianças desta sala tinham sido previamente preparadas com a história do castelo, e vinham todas mascaradas da escola, os meninos com um gorro imitando uma malha de ferro feito com sacos de batatas, as meninas com uma coroa (ver figura 26).



**Figura 26.** Dom Fuas apresentando a história do Castelo de Porto de Mós as crianças.

Fonte: própria.

Este foi o grupo que mais interveio: as crianças reconheceram as formas geométricas básicas, rectângulos, círculos, quadrados, e triângulos. Quando a mediadora apontava alguma das partes do castelo as crianças identificavam as formas por exemplo, as pedras do chão e as portas como rectângulos, e os coruchéus como triângulos. Quando o “Dom Fuas” falou sobre o estilo gótico do castelo mostrou os triângulos, os arcos e as portas ogivais e um dos garotos diz que a porta da entrada também é ogival, e começam então a associar o estilo a outras partes do castelo.



As crianças identificaram, logo que viram, os balestreiros como sendo círculos, e começam todas a procurar formas ao mesmo tempo, sem que fosse solicitado que o fizessem. Na sala do ateliê todos desenharam novas torres para o Castelo, um dos garotos identificou sua torre como uma torre ogival, algumas em retângulos, círculos, e outras mantiveram a forma triangular apenas com cores diferentes do verde já existente. Nenhum dos desenhos repetiu o real, todos tinham algo de novo e pessoal.



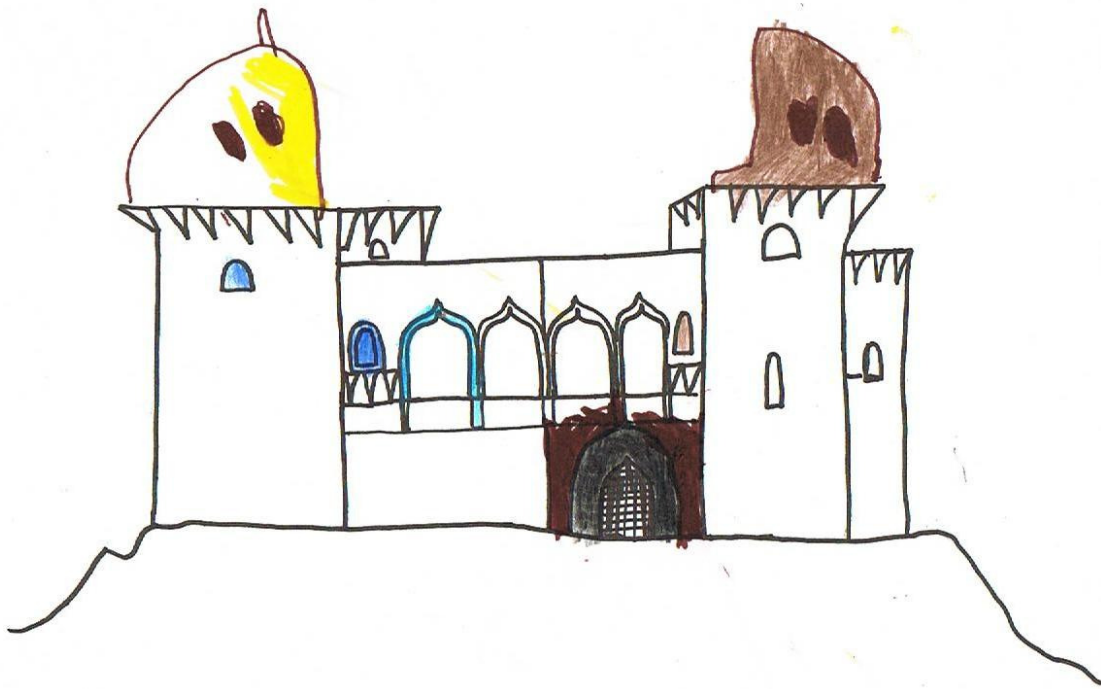
**Figura 27.** Pedro T descreve estas linhas como sendo o vento, pois no dia da visita estava um dia muito ventoso. Fonte: própria.



**Figura 28.** João S desenha toda a vegetação a volta da Castelo. Fonte: própria.



**Figura 29.** João César desenha as torres pequeninas. Fonte: própria.



**Figura 30.** Pedro C desenha as torres com olhos, segundo a sua descrição, assim com olhos maiores poderiam ver melhor os inimigos que se aproximavam do Castelo. Fonte: própria.

Nesta acção as crianças tiveram atitudes espontâneas de associações que não estava à espera: acrescentaria a esta actividade um grau maior de exigência na parte sobre o estilo arquitectónico aprofundando um pouco mais no gótico e resumiria mais a parte em que as crianças dizem as formas geométricas, pois era algo que elas estavam familiarizadas.

### **5.3. “Os donos do Castelo”**

Esta acção foi apresentada duas vezes, no dia 15 de Abril de 2010 para o jardim de infância de Porto de Mós, sala dos 5 anos, e no dia 16 de Abril de 2010 para o jardim de infância da Forte do Oleiro, sala mista. Esta acção exigia assimilação da história do Castelo com os objectos. Esta construção simbólica foi conseguida através da história de sete personagens que fizeram parte da história do Castelo representada por sete objectos dentro de um baú (ver imagens 31 e 32).





**Figura 31.** Baú e objectos da actividade “Os donos do Castelo”. Fonte: própria.



**Figura 32.** Apresentação da actividade “Os donos do Castelo”. Fonte: própria.

Todas as crianças participaram na actividade respondendo às questões de forma correcta: quando as crianças eram chamadas a reconstruir a história que já havia sido contada elas identificavam cada objecto correctamente com seu personagem. Este grupo tinha um óptimo desenvolvimento e tinham uma noção avançada para idade sobre história de Portugal, conheciam os nomes dos reis, sabiam sobre a batalha de Aljubarrota, e sobre a história do Castelo de Porto de Mós. Este grupo não desenvolveu actividades plásticas.

O Jardim de Infância da Fonte do Oleiro, reconheceu o “Dom Fuas” como sendo a Sónia, a animadora responsável pelo ATL daquela escola, logo no início da acção. A parte da imaginação associada ao personagem Dom Fuas não aconteceu em nenhum momento, pois sempre se dirigiram a ela como sendo a Sónia. O processo de assimilação dos personagens com os objectos foi bem sucedido, houve envolvimento com os objectos e relacionaram com acções do quotidiano, e quando um dos garotos vê a bandeira do D. Nuno Alvares Pereira diz ser igual ao do Dartacão.

Na sala do ateliê, pintaram e desenharam as chaves de papel, muitos fizeram desenhos ilustrando a visita ao Castelo, alguns utilizaram apenas cores (ver figuras 33 e 34).



**Figura 33.** Actividades no ateliê. Fonte: própria.





**Figura 34.** Chave ilustrando a visita ao Castelo de Porto de Mós. Fonte: própria.

Nesta actividade identifiquei dois pontos para serem melhorados. Um é a aproximação das crianças com a mediadora: poderiam estar sentados em semi-círculo, interagiriam melhor com os objectos manuseados de forma a não se dispersarem da história. A segunda observação é sobre os objectos, as coroas do D. Afonso Henriques e do D. Sancho I com os números 1 e 2 funcionaram como esperado, pois associação ao 1º e 2º rei de Portugal aconteceu de forma natural. Já a terceira coroa da Rainha Santa poderia ser substituída por outro objecto por exemplo, uma rosa, já que a personagem está ligada ao milagre das rosas e não teria tantas coroas. A bandeira funcionaria mesmo que fosse apenas um pedaço de tecido em branco, a associação da vitória à bandeira foi igual para as duas acções. O mesmo aconteceu com a espada que foi logo o objecto de escolha das crianças, que foram quase unânimes para representar a defesa, poucas foram as que disseram escudo. O avião resultaria melhor se ficasse claro durante a história que não existiam aviões nos tempos dos reis, e perguntado se fosse nos dias de hoje qual meio de transporte seria usado para fazer uma viagem longa, de modo a transportá-los para a actualidade; caso contrário o objecto de selecção seria talvez um barquinho de papel.

## **6. Impacte da acção na comunidade**

A acção foi divulgada na comunidade através de convites individuais aos educadores do ensino pré-escolar do concelho, aos educadores da Santa Casa de Misericórdia de Porto de Mós, aos funcionários da Biblioteca Municipal, aos Directores do agrupamento de escolas do concelho, ao Presidente da Câmara, aos Vereadores da Cultura e da Educação, e aos funcionários do pelouro da Cultura.

Foi feito um *press release* enviado aos dois jornais de maior difusão do distrito de Leiria, *Jornal Região de Leiria*, *Jornal de Leiria*, agência *Lusa*, e o jornal local *Jornal o Portomosense*. Em todos os jornais a quem foi enviado o comunicado foi publicada uma peça. A maior atenção ao projecto foi a de uma rádio local onde foi feita uma entrevista comigo que passou durante uma semana até ao término das actividades.

No jornal local *O Portomosense*, que tem publicação quinzenal, o projecto teve direito a duas publicações, uma na semana em que ocorreram as actividades, como notícia de capa, e outra na edição seguinte com uma reportagem alusiva aos 10 anos do restauro do Castelo de Porto de Mós, onde mostra uma especial sensibilidade do director para com o trabalho desenvolvido, e o desejo de continuidade do projecto.

A partir destes reflexos na imprensa, escolas de outros concelhos entraram em contacto com a Câmara Municipal de Porto de Mós solicitando visitas orientadas ao Castelo. No mês de Abril, após as actividades com o pré-escolar, foram assim recebidas 107 crianças do 5º e 6º ano do Porto. No mês de Junho recebemos a escola EB1 de Candeeiros – Benedita/Alcobaça, com 79 crianças do pré-escolar e 1º ciclo, realizando-se uma actividade baseada no Dom Fuas Roupinho.

## **Capítulo V – Conclusões**

### **1. Introdução.**

No tema assumido neste trabalho, educação artística em contexto histórico, apresentam-se em síntese as conclusões mais relevantes. Esboçam-se modelos para uma educação artística, com características bem definidas. Apontam-se algumas sugestões que este trabalho pode levantar junto dos decisores. Também se enumeram algumas limitações da investigação e sugerem-se linhas de investigação futura.

### **2. Conclusão sobre o Problema de Investigação.**

Nesta secção apresentam-se as conclusões parcelares do trabalho no que respeita ao Problema de Investigação enunciado no início, que era:

*– Como a aplicação da Educação Artística pode potencializar e valorizar o património, sensibilizando a população a conhecer a história local através da Arte?*

A Educação Artística fundamental pode ser feita através de acções pedagógicas, como exemplo a formação mediadora de professores na capacitação de gerirem as visitas aos museus com os seus alunos, ou a visita dos museus às escolas através de actividades na aula como jogos simbólicos, dramatizações, leitura e interpretação de obras de forma lúdica e pedagógica.

Estas acções não tencionam transformar o museu numa escola, apenas solidificar a relação da escola com o museu. Trata-se de facilitar a aprendizagem e dar ferramentas para os professores desenvolverem um trabalho de educação e sensibilização dos alunos para a Arte, quer no museu quer na escola.

Esta acção desenvolvida no Castelo de Porto de Mós foi um exemplo da aplicação da Educação Artística, com o objectivo principal de sensibilizar a população local, começando pelo público escolar, concretamente as crianças em idade pré-escolar. As crianças desta idade são muito sensíveis, são capazes de uma envolvência histórica, imaginativa e criativa e aprendem através do que lhes é familiar.

Foram objectivos visados, trabalhados e desenvolvidos nesta acção:

- Valorizar o património
- Adquirir novos conceitos na história e na identidade local e global
- Produzir de forma comunicativa
- Desenvolver o pensamento simbólico
- Compreender a evolução histórica
- Comparar estilos, texturas e formas
- Vivenciar acontecimentos históricos em contacto directo com o monumento

### **3. Contributos para a Educação Artística.**

Esta acção contribuiu para evidenciar que a Educação Artística pode ser aplicada a crianças em idade pré-escolar em museus, monumentos e escola de forma didáctica, lúdica e pedagógica utilizando-se de linguagem artística acessível a esta faixa etária, tendo resultados positivos na aprendizagem, envolvimento, produção plástica e criativa.

Ainda verificou-se o interesse da população e dos meios de comunicação em que aconteça alguma actividade no Castelo, seja de carácter pedagógico, entretenimento ou artístico.

Para as instituições museológicas que não atendem o público pré-escolar, esta acção pode responder a algumas das escusas mais comuns, como: se as crianças tão pequenas conseguem aprender alguma coisa num museu? Os profissionais dos museus têm a formação para desenvolver actividades pedagógicas para este público? As exposições estão adaptadas física e cognitivamente para receber este grupo etário?

A acção mostra que crianças em idade pré-escolar podem aprender de facto num museu. Mas isto não acontece em apenas uma visita: a criança inicia uma construção de aprendizagem que pode se pode prolongar se o seu meio social der ênfase e desenvolver este processo. A ausência de desenvolvimento posterior à visita faz este processo de construção tornar-se curto.

Este desencadeamento de aprendizagem pode ser desenvolvido pelas educadoras ou pelos próprios pais. Por exemplo, dada a semelhança entre o Castelo de Porto de Mós e o Castelo de Ourém, se as crianças tiverem a oportunidade de observar os dois monumentos, em visita suplementar, isto aumentaria o processo construtor de aprendizagem por existir mais um elemento de observação. A criança desenvolve a capacidade já adquirida de comparar e ganha uma nova capacidade: a crítica, tornando-se cada vez mais apta a frequentar outros espaços museológicos.

Com a metodologia triangular de Ana Mae Barbosa foi possível, neste trabalho, trabalhar os três eixos de aprendizagem: apreciar, compreender e produzir. Compreendi que as crianças de tenra idade não devem ser avaliadas individualmente na acção. Neste campo, da avaliação, foi possível apenas identificar o número de crianças que se manifestaram em algum momento da actividade, mas não foi possível identificar o número exacto de crianças que realmente interiorizaram e iniciaram o processo construtivo de aprendizagem. Só foi possível fazer a avaliação em observação conjunta, da actividade e do reflexo dela nas manifestações das crianças, quer criativas, artísticas ou verbais.

Outras confirmações foram que a formação pedagógica e a investigação são fundamentais para a qualidade e desenvolvimento do Serviço Educativo de qualquer instituição. Se alguns dos museus visitados contratassem coordenadores e educadores/monitores com formação pedagógica seriam certamente capazes de criar programas educativos mais exigentes e adaptados correctamente às faixas etárias. A investigação na Educação em Museus deve partir das próprias instituições e de acordo com as necessidades. A investigação resulta na evolução. É exemplo o Museu Lasar Segall, em São Paulo, que após uma investigação e pesquisa junto do público escolar encontrou um formato de visita individualizado, adaptado ao perfil de cada escola que visita o museu.

Finalmente, ainda uma nota sobre os museus que não recebem crianças em idade pré-escolar, e que referem ao facto de as exposições não estarem adaptadas a esse público. O Castelo de Porto de Mós não foi, na sua origem, edificado para receber visitantes, tal como os artistas, quando desenvolvem os seus trabalhos, não direccionam o seu processo criador em função do público, apenas criam. São os monitores/educadores dos

museus os que unem o público à exposição através das actividades pedagógicas. Cabe assim a cada instituição adaptar a dinâmica das visitas.

#### **4. Implicações para a política e a prática**

O património merece uma gestão ampla, de acordo com o seu valor histórico, cultural e social, e não só voltada para a sua manutenção e conservação física. O valor do Castelo de Porto de Mós, outros exemplos haverá no país, merece não apenas uma “gestão corrente”, mas também acções de intervenção artística e histórica aproveitando as sinergias culturais, educacionais, económicas ou mesmo desportivas.

Em termos políticos os museus necessitariam de uma avaliação externa e profissionalizada. A avaliação é um elemento que, na minha opinião, ajudaria a encontrar a eficiência dos projectos em causa. O organismo estatal responsável pela avaliação dos serviços públicos, o Gabinete de Planeamento Estratégia, Avaliação, e Relações Internacionais (GPEARI) solicita que cada organismo da responsabilidade dos ministérios faça, anualmente, um Quadro de Avaliação e Responsabilização (QUAR) que tem como objectivo avaliar o desempenho dos serviços da administração pública com os seguintes critérios:

- A missão do serviço;
- Os objectivos estratégicos plurianuais determinados superiormente;
- Os objectivos anualmente fixados e, em regra, hierarquizados;
- Os indicadores de desempenho e respectivas fontes de verificação;
- Os meios disponíveis, sinteticamente referidos;
- O grau de realização de resultados obtidos na prossecução de objectivos;
- A identificação dos desvios e, sinteticamente, as respectivas causas;
- A avaliação final do desempenho do serviço.

Observando o QUAR do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) o único que foi actualizado com os resultados da monitorização foi o do ano 2008. O QUAR de 2008, o primeiro a ser executado, não faz nenhuma referência ao departamento educativo dos museus. O seguinte (2009) teve como objectivo divulgar o património nacional móvel, garantir o estudo dos bens culturais, abrir ao público o museu de Évora, aumentar as receitas das lojas dos museus, qualificar os museus da Rede Portuguesa de Museus e



ainda reforçar as competências dos profissionais dos museus e da conservação e restauro. O QUAR de 2010 tem como objectivos realizar a reprogramação e reabrir parcialmente o Museu de Arte Popular, a inventariar as colecções. Nenhum dos QUAR menciona como objectivo qualificar o departamento educativo dos museus, não há nenhuma proposta para investigação na área de Educação em Museus por parte do IMC.

Se houvesse uma avaliação contínua aos contributos educativos dos museus servindo-se deste quadro que já existe, as insuficiências na área pedagógica dos museus portugueses poderia ser identificadas e eventualmente resolvidas.

## **5. Limitações**

O trabalho poderia ter-se desenvolvido de outro modo, com melhores resultados se a Câmara Municipal, actual tutora do Castelo de Porto de Mós, tivesse investido financeiramente nesta acção, colaborando com material pedagógico e disponibilizando transporte para que mais escolas pudessem participar das actividades. Pude contar apenas com três escolas, uma que estava localizada próxima do Castelo, outra de deixou de usufruir do benefício de frequentar as piscinas para utilizar o transporte para a deslocação ao Castelo, e uma terceira escola que soube do projecto na semana em que ele decorreu e conseguiu conciliar uma actividade externa com a visita ao Castelo.

A preparação das crianças desenvolvida pelas suas educadoras, que antecedeu a visita ao Castelo limitou a apresentação de algumas actividades, devido às educadoras terem trabalhado uma história romanceada não correspondente a que viria ser apresentada no Castelo. Outro imprevisto aconteceu no Jardim de Infância da Fonte do Oleiro, escola em que trabalha a mediadora da acção: as crianças reconheceram a personagem como sendo a Sónia e não o Dom Fuas Roupinho. A acção teve melhor resultado quando as crianças estavam desprevenidas de conteúdo. Foi exemplo o jardim de infância da Mendiga, uma escola que está localizada longe e sem a noção da história do Castelo de Porto de Mós. As crianças chegaram com intenção de conhecer sem preconceito cognitivo.

## **6. Sugestões para a investigação futura.**

A proposta de criação de um Serviço Educativo no Castelo de Porto de Mós foi apresentada à Câmara Municipal com o objectivo de desenvolver actividades para todo público. As actividades para o 1º ciclo já estavam planeadas e iria trabalhar-se a música e o teatro dentro da temática medieval.

Imaginando também outras aplicações como exemplo uma acção inversa, do Castelo até à Escola, com marionetes, encenação de peça de teatro como desenvolvimento posterior.

Também poderia transportar este tipo de acção, Educação Artística em contexto histórico para outros recursos locais, o Castelo de Ourém, o troço de 1km da estrada romana em Alqueidão da Serra, acções na Biblioteca ou no espaço jovem.

Poder-se-ia criar um núcleo de gestão cultural e patrimonial local apto a dar assistência jurídica, organizacional e pedagógica que poderia ou não ser autárquico.

Também ficou em aberto o desejo de conhecer outros museus e analisar mais aprofundadamente quais as preocupações pedagógicas nos museus em Portugal comparando com o que é seguido em outros países.

## Bibliografia

Anderson, L. W. (2001). *A taxonomy for learning, teaching, and assessing: a revision of Bloom's taxonomy of educational objectives*. London: Longman.

Barbosa, A. M. (Agosto de 1989). Arte-educação em um museu de arte. *Revista USP* , pp. 125-132.

Brandão, F. A. (1973 ). *Monarquia Lusitana, terceira e quarta parte*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

British Museum. (s.d.). Obtido em 29 de Junho de 2010, de British Museum: <http://www.britishmuseum.org>

Brocardo, T. (2006 ). *Livro de linhagens do Conde D. Pedro: Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda : séc. XIV*. Lisboa: I.N.- C.M. .

Cacela, A. M. (1977). *Porto de Mós e seu Termo*. Porto de Mós: Almondina.

Camacho, C. F. (s.d). Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus: Panorâmica e Perspectivas. In S. B. Silva, *Colecção Públicos nº 2 - Serviços Educativos na Cultura* (pp. 26-40). Lisboa: Setepés.

Charleston Museum. (s.d.). *Charleston Museum*. Obtido em 10 de 10 de 2010, de <http://www.charlestonmuseum.org/>

Chiovatto, M. (2004). *O professor mediador*. Obtido em 13 de 07 de 2010, de Artpublica: [http://artpublica.com/textos/O\\_Professor.doc](http://artpublica.com/textos/O_Professor.doc)

Correia, L. M. (2010). *Castelos de Portugal. Retrato do seu perfil arquitectónico (1509-1949)*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra.

Coutinho, A. M. (2008). *Arte/Educação como Mediação Cultural e Social*. São Paulo: UNESP.

Dias, J. J. (1982). *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte Edição Diplomática*. Lisboa: Estampa.

Duarte, L. R. (2010). Museus Nacionais - Em Busca de um novo paradigma. *Jornal de Letras, Artes e Ideias* , 12-17.

Fundação Batalha de Aljubarrota. (2010). *Fundação Batalha de Aljubarrota*. Obtido em 12 de 02 de 2010, de Fundação Batalha de Aljubarrota: <http://www.fundacao-aljubarrota.pt/>

Galvão, D. (1726). *Chronica delrei D. Affonso Henriques* . Universidade de Oxford.

- Galvão, D. (1906). *Chronica de El-Rei D. Affonso Henriques*. Obtido em 12 de 02 de 2010, de Biblioteca Nacional Digital : <http://purl.pt/338>
- Gomes, A. S. (2005). *Porto de Mós, Colectânea Histórica e Documental - Séculos XII a XIX*. Porto de Mós: Camara Municipal de Porto de Mós.
- Hein, G. E. (1998). *Learning in the Museum*. New York: Routledge.
- Hein, G. E. (1999). The constructivist museum. In E. Hooper-Greenhill, *The educational role of the museum*. London: Routledge.
- Henri Matisse, H. C.-B. (2007). *Escritos e Reflexões sobre Arte* . São Paulo: Editora Cosac Naify.
- Hooper-Greenhill, E. (1991). *1991. Museum and Gallery Education*. Leicester: Leicester University Press.
- Hooper-Greenhill, E. (1999). Learning in Art Museums: Strategies of interpretation. In E. Hooper-Greenhill, *The educational role of the museum* (p. 44). London: Routledge.
- IGESPAR. (s.d.). *Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico*. Obtido em 14 de 06 de 2010, de IGESPAR: <http://www.igespar.pt/pt/monuments/38/>
- Itaú Cultural. (2010). *Itaú Cultural*. Obtido em 22 de 09 de 2010, de Itaú Cultural: <http://www.itaucultural.org.br/>
- John Howard Falk, L. D. (1992). *The museum experience*. Washington: Howells House.
- Leite, P. D. (2007). *A Dimensão Educativa dos Museus Londrinos - O Olhar Estrangeiro*. Santa Catarina : Pós Doutorado .
- Lopes, F. (1992). *Crónica de D Fernando* . Lisboa: Livraria Civilização Editora.
- M.N.A.A. (2008). *Museu Nacional de Arte Antiga*. Obtido em 12 de 05 de 2008, de <http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt/>
- Marques, V. F. (2009). *Dom Fuas Roupinho* . Vila Nova de Gaia: 7 Dias 6 Noites.
- Matisse, H. (9 de Março de 1913). A talk with Matisse, Leader of Post-Impressionists "New Your Times". (C. M. Chisney, Entrevistador)
- Mendes, J. (2009). *Estudos do Património, Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Museo del Prado. (s.d.). *Museo del Prado*. Obtido em 6 de 10 de 2010, de Museo del Prado: [www.museodelprado.es/](http://www.museodelprado.es/)
- Museu Berardo (2008). *Museu Berardo*. Obtido em 22 de 06 de 2008, de <http://www.museuberardo.com>

Museu do Chiado. (2008.). *Museu do Chiado*. Obtido em 20 de 06 de 2008, de <http://www.museudochiado-ipmuseus.pt>.

Museu do Louvre (2010). *Museu do Louvre* . Obtido em 02 de 10 de 2010, de <http://www.louvre.fr/llv/commun/home.jsp>

Museu Lasar Segall.. (s.d.). *Museu Lasar Segall*. Obtido em 14 de 09 de 2010, de <http://www.museusegall.org.br/>

Museu Sorares dos Reis. (2010). *Museu Soares dos Reis* . Obtido em 2010 de 10 de 08, de <http://mnsr.imc-ip.pt/pt-PT/Default.aspx>

Museum Hermitage. (s.d.). *Museum Hermitage*. Obtido em 29 de Junho de 2010, de <http://www.heritagemuseum.org>

Nadelhoffer, T. (2010). *Moral Psychology: Historical and Contemporary Readings*. Oxford: John Wiley and Sons.

Palangana, I. C. (2001). *Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsk: A Relevancia do Social*. São Paulo: Grupo Editorial Summus.

Parsons, M. J. (1992). *Compreender a Arte*. Lisboa: Editorial Presença.

Paulo, M. d. (s.d.). *Museu de Arte Contemporânea de São Paulo*. Obtido em 09 de 09 de 2010, de Museu de Arte Contemporânea de São Paulo: <http://www.mac.usp.br/mac/>

Pinto, M. R. (2008). *Arquitetura como Instrumento na Construção de uma Imagem do Estado Novo*. Coimbra: Estudo Geral - Universidade de Coimbra.

Ramos, L. J. (1971). *Castelo de Porto de Mós, estudo histórico*. Porto de Mós: Camara Municipal de Porto de Mós.

Rui Mário Gonçalves, E. M. (2002). *Primeiro Olhar – Programa Integrado de artes Visuais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Schubert, k. (2009). *The Curator's Egg*. London: Ridinghouse.

Varie-Bohan, H. (1979). *Los Museos en el mundo*. Barcelona : Salvat Editores .

Victória & Albert Museum. (2010). *Museum Victoria & Albert*. Obtido em 7 de 10 de 2010, de Museum Victoria & Albert: <http://www.vam.ac.uk/>

Vygotsky, L. (1978). Interaction between Learning and Development. In L. Vygotsky, *Mind in society: the development of higher psychological processes* (p. 84). Cambridge: Harvard University Press.

## Índice de Apêndices

Apêndice 1| Convite divulgado na internet, aos professores e profissionais da área

Apêndice 2| PRESS RELEASE / COMUNICADO DE IMPRENSA

Apêndice 3| Modelo da chave utilizada no ateliê

Apêndice 4| Ficha de avaliação 1: Porta da dispensa

Apêndice 5| Ficha de avaliação 2: Balestreiro

Apêndice 6| Ficha de avaliação 3: Cisterna

Apêndice 7| Ficha de avaliação 4: Torre do Castelo de Porto de Mós

# Apêndice 1 |

Convite divulgado na internet, aos professores e profissionais da área



Convido V. Exa. a assistir à realização da actividade piloto do Projecto Pedagógico e Educativo, a decorrer no Castelo de Porto de Mós, pelas 10 horas, e que tem como finalidade apresentar e despertar a curiosidade dos mais pequenos, pelo monumento e toda a história que o envolve.

Ateliés a realizar:

Dia 13 Abril\_ "A história do Dom Fuas Roupinho, contada na 1ª pessoa"  
Dia 14 Abril\_ "Mini Arquitectos" (formas geométricas)  
Dia 15 Abril\_ "Os Donos do Castelo"  
Dia 16 Abril\_ "Os Donos do Castelo"

Nota: cada atelier terá a duração de aproximadamente 40 min.



# Apêndice 2 |

## PRESS RELEASE / COMUNICADO DE IMPRENSA

### **Actividades Piloto do Projecto de implementação do Serviço Educativo no Castelo de Porto de Mós**

**Dia 13/04\_” A História do Dom Fuas Roupinho, contada na 1ª pessoa”**

**Dia 14/04\_”Mini Arquitectos” (formas geométricas)**

**Dia 15/04\_”Os Donos do Castelo”**

**Dia 16/04\_”Os Donos do Castelo”**

**Onde** | Castelo de Porto de Mós

**Quando** | de 13 à 16 de Abril às 10:00

Com o objectivo de potencializar e dinamizar o Castelo de Porto de Mós, foi apresentado um projecto que propõe a implementação de um Serviço Educativo permanente.

O que se pretende, é utilizar a educação como ferramenta de desenvolvimento patrimonial, fazendo uma ponte entre o público e o Castelo.

Estas actividades que irão decorrer são apenas amostras de um árduo trabalho que visa abranger e envolver toda a população do concelho.

Este primeiro trabalho consistiu em uma recolha histórica e documental sobre a Vila de Porto de Mós e o Castelo, e adaptada as capacidades cognitivas de crianças de 3 aos 6 anos.

Integram este projecto

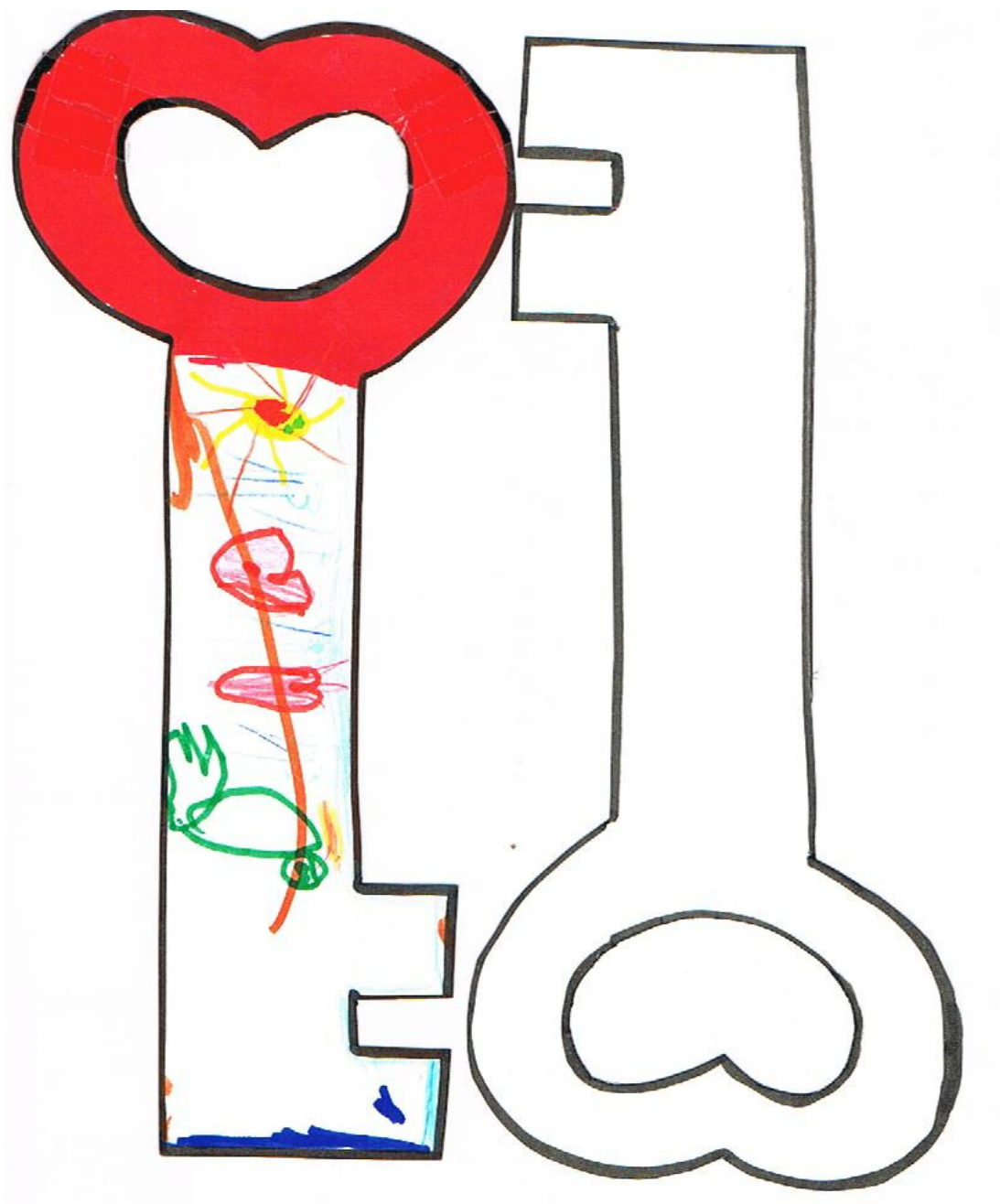
Rosana Oliveira Silva, mestranda em Educação Artística, FBAUL

Sónia Cordeiro, Animadora Sócio Cultural e Actriz Teatral



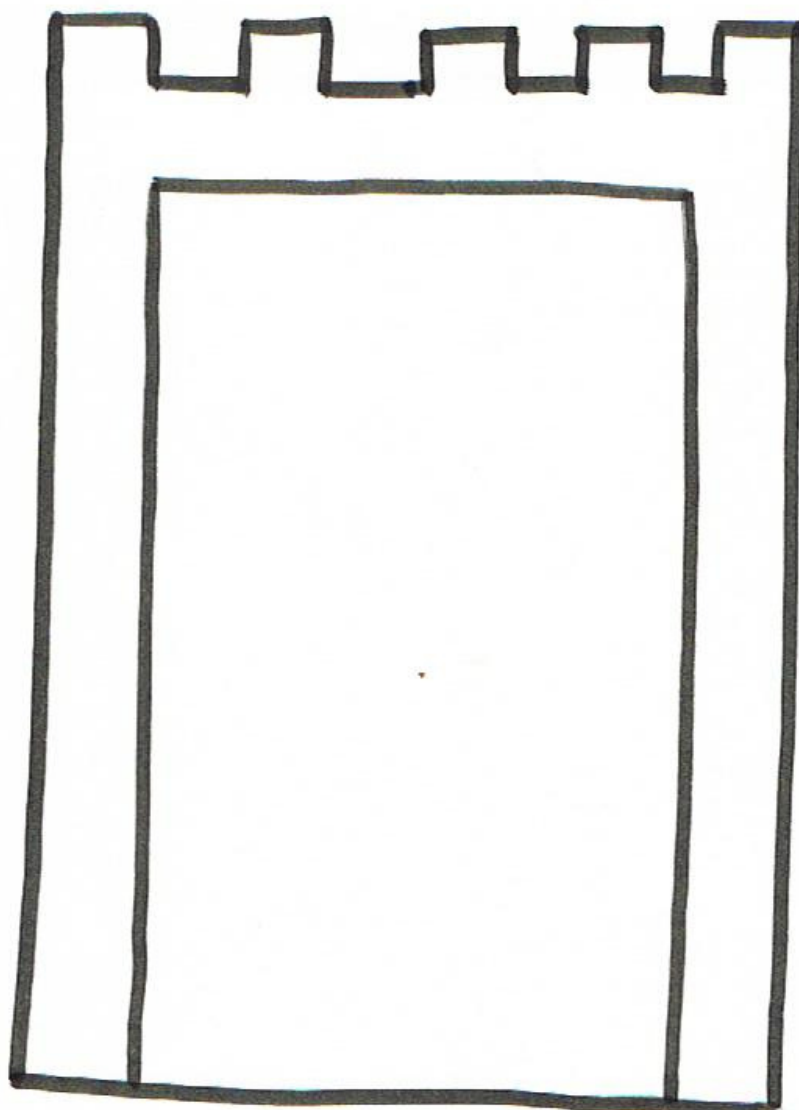
# Apêndice 3 |

Modelo da chave utilizada no ateliê



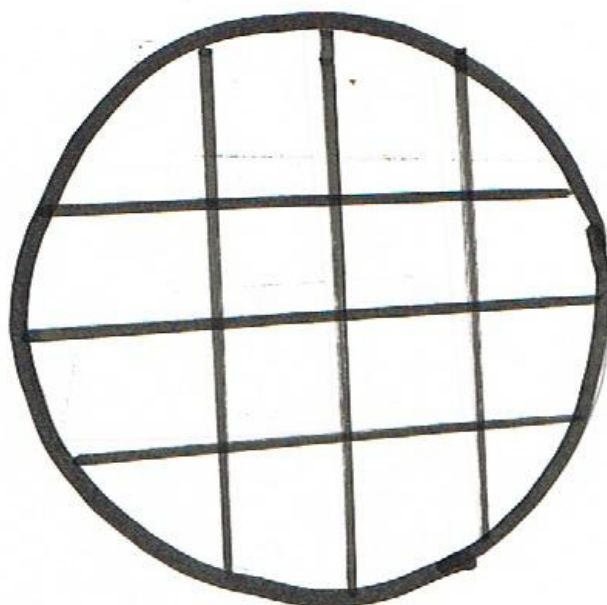
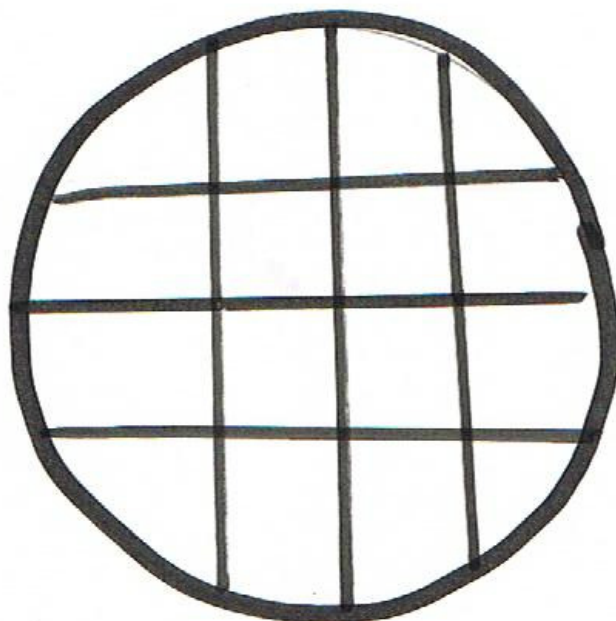
# Apêndice 4 |

Ficha de avaliação 1: Porta da dispensa



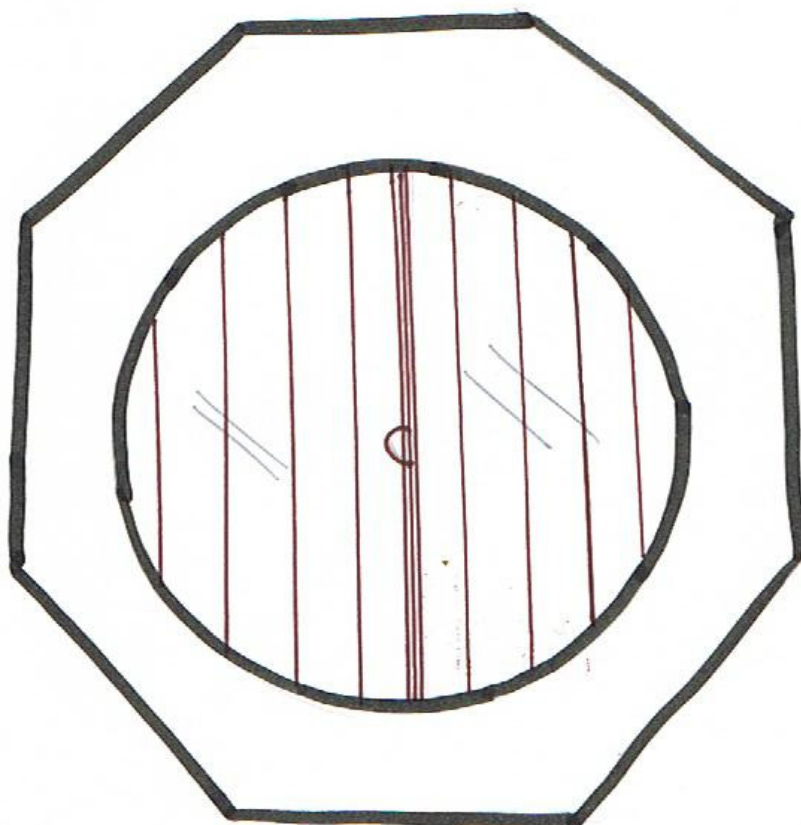
# Apêndice 5 |

Ficha de avaliação 2: Balestreiro



# Apêndice 6 |

Ficha de avaliação 3: Cisterna



# Apêndice 7 |

Ficha de avaliação 4: Torre do Castelo de Porto de Mós



## Índice de Anexos

Anexo 1| Notícia no site da Rádio Portomosense 08/04/2010

Anexo 2| Notícia no site do Jornal Região de Leiria 08/04/2010

Anexo 3| Notícia no Jornal de Leiria 08/04/2010

Anexo 4| Notícia no site da Rádio Portomosense 13/04/2010

Anexo 5| Comentário no blogue da escritora infantil Vanda Furtado Marques.

Anexo 6| Capa do Jornal Portomosense nº661, 15/04/2010.

Anexo 7| Notícia do Jornal Portomosense nº661, 15/04/2010, p.15.

Anexo 8| Comentário no blogue Vila Forte, 11/04/2010

Anexo 9| Notícia do Jornal O Portomosense, nº662, 29/04/2010 p.3

Anexo 10| Notícia da revista Viver Porto de Mós, Ano III nº 5 p.7 Câmara Municipal de Porto de Mós, Publicação Junho de 2010

# Anexo 1 |

Notícia no site da Rádio Portomosense 08/04/2010

## PORTO DE MÓS: MONUMENTO PODE GANHAR NOVA VIDA



Escrito por Luísa Patrício  
08-Abr-2010

A ideia é dar a conhecer o monumento do concelho de Porto de Mós. Rosana Silva e Sónia Conde vão dinamizar diversas actividades para crianças. Rosana Silva afirma que "este monumento é muitas vezes é desvalorizado". "Acho que, com este projecto, a convivência das pessoas com o seu castelo vai ser diferente", revela Rosana Silva.

Alimentar o gosto dos mais pequenos pelo Castelo de Porto de Mós é um dos objectivos desta iniciativa, que consiste num serviço educativo que se pretende permanente no castelo, num futuro próximo.

Para já, são ateliês que arrancam terça-feira, 13, e terminam na próxima sexta, 16. Sempre às dez da manhã. A actividade inaugural denomina-se "A História do Dom Fuas Roupinho, contada na 1ª pessoa".

Rosana Silva é licenciada em Educação Artística e, este projecto, vai servir de base à sua tese de Mestrado, a desenvolver na faculdade de Belas Artes em Lisboa. Rosana Silva conta com a animadora Sónia Conde para a concretização da sua ideia.

Eis as actividades:

Dia 13/04\_ " A História do Dom Fuas Roupinho, contada na 1ª pessoa"

Dia 14/04\_ "Mini Arquitectos" (formas geométricas)

Dia 15/04\_ "Os Donos do Castelo"

Dia 16/04\_ "Os Donos do Castelo"

[http://www.cincup.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=10100&Itemid=103](http://www.cincup.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=10100&Itemid=103)



# Anexo 2 |

Noticia no site do Jornal Região de Leiria 08/04/2010

## [Ateliês chamam público infantil ao Castelo de Porto de Mós](#)

Publicado em 08 Abril 2010 às 10:50 am. Tags: [ateliês](#), [Castelo](#), [porto de mós](#)

A ideia é alimentar o gosto dos mais pequenos pelo **Castelo de Porto de Mós**. Poderá mesmo ser o embrião de um serviço educativo permanente no monumento.



Para já, são **ateliês** que arrancam terça-feira, 13, e terminam na próxima sexta, 16. Sempre às dez da manhã.

“O que se pretende, é utilizar a educação como ferramenta de desenvolvimento patrimonial, fazendo uma ponte entre o público e o Castelo”, explicam Rosana Silva e Sónia Conde, dinamizadoras das actividades que decorrem com o apoio do pelouro da Cultura da Câmara de Porto de

Mós.

A actividade inaugural, na próxima terça-feira, denomina-se “A História do Dom Fuas Roupinho, contada na 1ª pessoa”.

<http://www.regiaodeleiria.pt/2010/04/atelies-chamam-publico-infantil-ao-castelo-de-porto-de-mos/>

# Anexo 3 |

Noticia no Jornal de Leiria 08/04/2010

Porto de Mós

## Serviço educativo no castelo

Para potencializar e dinamizar o Castelo de Porto de Mós, foi apresentado um projecto que propõe a instalação de um Serviço Educativo permanente naquele monumento. Pretende-se, assim, “utilizar a educação como ferramenta de desenvolvimento patrimonial, fazendo uma ponte entre o público e o Castelo”, nota a autarquia, em comunicado. O intuito destas actividades é também “abranger e envolver toda a população do concelho”. O primeiro trabalho consistiu numa recolha histórica e documental sobre a Vila de Porto de Mós e o Castelo, adaptada as capacidades cognitivas de crianças de 3 aos 6 anos. As actividades piloto deste projecto arrancam no próximo dia 13 com A História do Dom Fuas Roupinho, contada na 1ª pessoa; seguem-se os Mini Arquitectos, dia 14; e os Donos do Castelo, nos dias 15 e 16. \_

Jornal de Leiria Edição 1343 | 8 de Abril de 2010, p. 13

# Anexo 4 |

Noticia no site da Rádio Portomosense 13/04/2010

## **PORTO DE MÓS: PROJECTO EDUCATIVO COMEÇOU HOJE NO CASTELO COM BOA ADESÃO**



Escrito por Luísa Patrício  
13-Abr-2010

Arrancou esta manhã, no castelo de Porto de Mós, a iniciativa de Rosana Silva que pretende transformar-se num Serviço Educativo Permanente, em breve.

Estiveram presentes 12 crianças, segundo Rosana Silva, a dinamizadora do projecto, que conta com a colaboração da animadora Sónia Conde nesta sua ideia, apresentada à autarquia de Porto de Mós. Rosana Silva revela-se satisfeita com o primeiro dia do projecto, uma vez que "as crianças se divertiram muito e participaram bastante".

Tratam-se de ateliês dirigidos aos mais pequenos, com o objectivo de dar a conhecer o monumento e a sua história.

Rosana Silva, licenciada em Educação Artística e este projecto vai servir de base à sua tese de Mestrado, a desenvolver na faculdade de Belas Artes em Lisboa.

Amanhã, segue-se a segunda sessão, às 10h, no castelo.

[http://www.cincup.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=10125&Itemid=103](http://www.cincup.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=10125&Itemid=103)

# Anexo 5 |

## Comentário no blogue da escritora infantil Vanda Furtado Marques.


### Um projecto a aplaudir

Fico muito satisfeita quando é possível concretizar projectos desta natureza.

Esta actividade surge no contexto, de tentar criar em Porto Mós, um serviço educativo permanente.

Este projecto está a ser dinamizado por Rosana Silva.

<http://vandafurtadomarques.blogspot.com/>




Convido V. Exa. a assistir à realização da actividade piloto do Projecto Pedagógico e Educativo, a decorrer no Castelo de Porto de Mós, pelas 10horas, e que tem como finalidade apresentar e despertar a curiosidade dos mais pequenos, pelo monumento e toda a história que o envolve.

Ateliés a realizar:

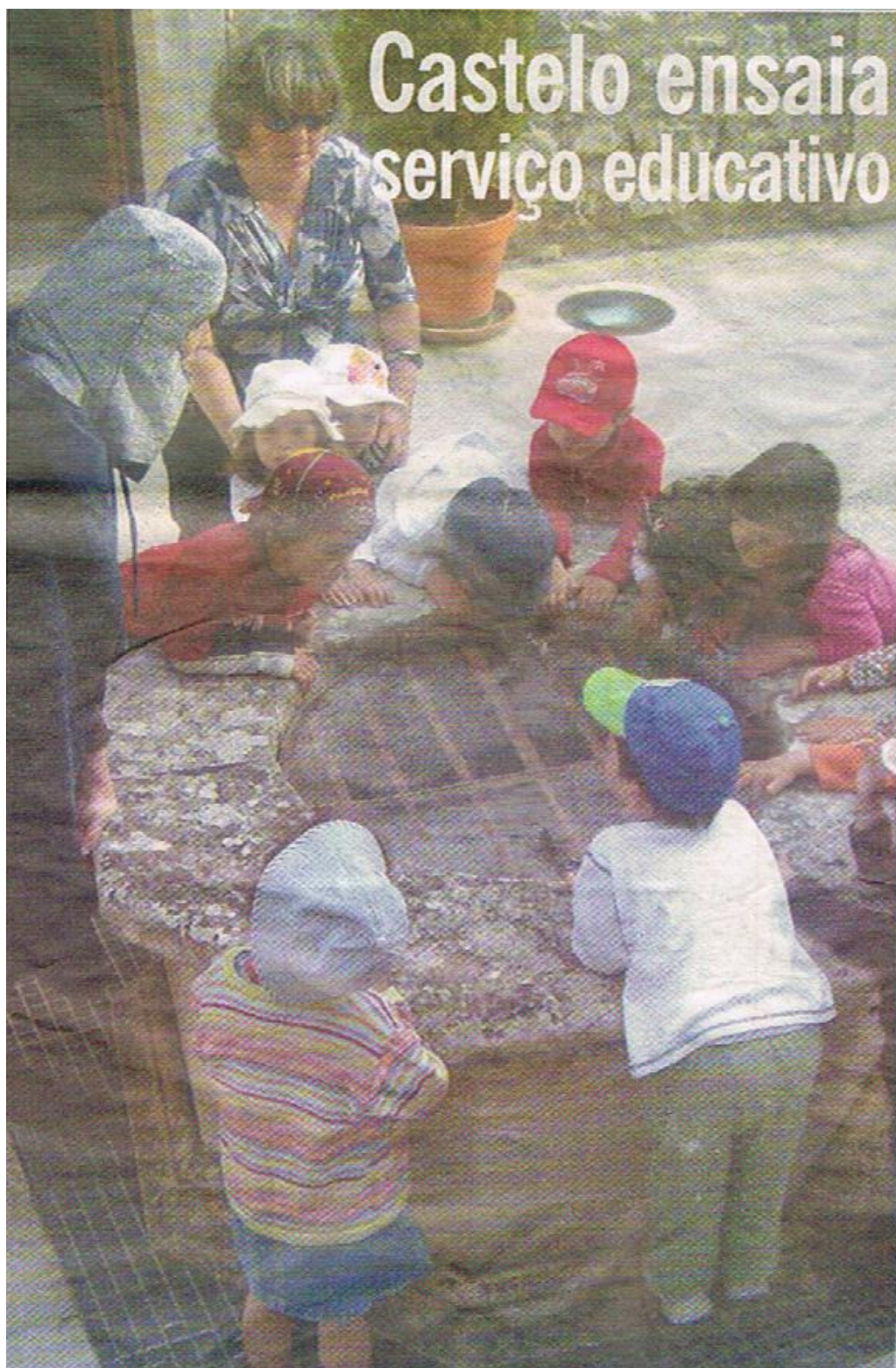
- Dia 13 Abril "A história do Dom Fuas Roupinho, contada na 1ª pessoa"
- Dia 14 Abril "Mini Arquitectos" (formas geométricas)
- Dia 15 Abril "Os Donos do Castelo"
- Dia 16 Abril "Os Donos do Castelo"

Nota: cada atelier terá a duração de aproximadamente 40 min.



# Anexo 6 I

Capa do Jornal Portomosense nº661, 15/04/2010.





# Anexo 7 |

Notícia do Jornal Portomosense nº661, 15/04/2010, p.15.

Educação

14 o portomosense

15 de Abril de 2010

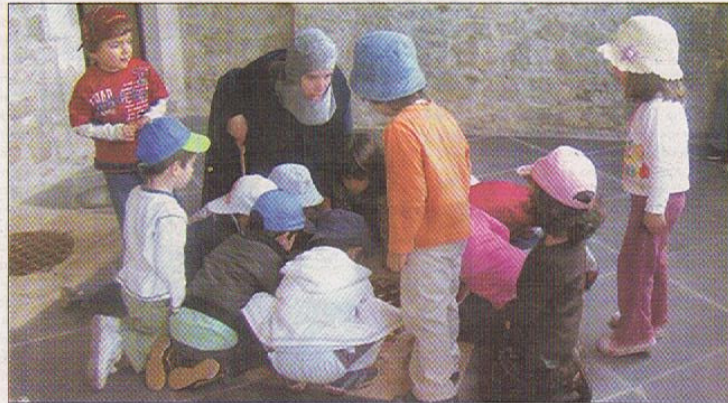
■ SERVIÇO EDUCATIVO PERMANENTE PARA APROXIMAR POPULAÇÃO AO CASTELO

## Castelo de Porto de Mós “ensaia” nova vida

Rosana Silva e Sónia Conde estão a desenvolver um projecto inovador e com grande componente pedagógica que consiste na realização de diversas actividades para os mais novos no Castelo de Porto de Mós, como forma de atrair os portomosenses ao seu monumento, valorizando-o. A meta final é consolidar um Serviço Educativo Permanente no Castelo.

A ideia passa por “utilizar a educação para defender e relevar o nosso património”, revela Rosana Silva, mestrande em Educação Artística, na Faculdade de Belas Artes, em Lisboa, depois de se ter licenciado no Brasil.

Vinda para Portugal, foi em Porto de Mós que encontrou o seu espaço e percebeu que “muitas crianças não conhecem, nem sabem a história do seu castelo”.



“Pensei, então, numa forma de mostrar às crianças como é importante não esquecer o património, através de actividades como leitura de histórias sobre Dom Fuas

Roupinho, curiosidades sobre o castelo, entre muitas outras coisas”, esclarece.

Toda a ideia foi bem pensada e trabalhada. Rosana Silva fez uma grande re-

colha histórica e documental sobre Porto de Mós e o castelo, que lhe permitiu saber como e o que explorar nas actividades, sendo que, para já, a iniciativa tem co-

mo destinatários as crianças dos 3 aos 6 anos, mas serão marcadas datas no sentido de estendê-la até ao 1.º ciclo.

Sónia Conde, animadora

e actriz, de Fonte do Oleiro, aceitou o desafio de colaborar neste projecto, cujos resultados vão ser avaliados e integrados a tese de mestrado de Rosana Silva, que se mostra “muito confiante na ideia” por acreditar que “as pessoas vão olhar para o seu castelo de outra forma”. “Acho o monumento muito bonito e é uma pena que não seja rentabilizado o seu potencial”, afirma.

Por agora, as actividades, que decorrem desde terça-feira passada, são como que uma amostra do projecto integral, mas o objectivo é implementar um Serviço Educativo Permanente no castelo. Até amanhã, Rosana Silva e Sónia Conde recebem crianças, pelas 10 horas. Esta sexta-feira, a iniciativa é intitulada de “Os Donos do Castelo”.

Luísa Patrício

# Anexo 8 I

Comentário no blogue Vila Forte, 11/04/2010

DOMINGO, 11 DE ABRIL DE 2010

## Escola Secundária ganha prémio

Duas excelentes notícias no portal da CINCUP:

1.

os alunos da disciplina de teatro da Escola Secundária de Porto de Mós ganham prémio da Culturgest. A única Escola do Distrito a consegui-lo. Parabéns à professora Cristina Almeida e aos seus alunos.

2.

(... ) Rosana Silva pretende "alimentar o gosto dos mais pequenos pelo Castelo de Porto de Mós".

Excelente ideia !

estou:



<http://vilaforte.blogs.sapo.pt/457921.html#comentarios>



# Anexo 9 |

Notícia do Jornal O Portomosesense, nº662, 29/04/2010 p.3

■ DINAMIZADORA DEFENDE A CRIAÇÃO DE UM SERVIÇO EDUCATIVO PERMANENTE

## Castelo mostra-se às crianças

De 13 a 16 de Abril, o Castelo de Porto de Mós conheceu um projecto que pretende aproximar as crianças, e a população em geral, à história do seu castelo.

A iniciativa, de Rosana Silva, tem uma grande componente pedagógica. A jovem de 27 anos, mestranda em Educação Artística na Faculdade de Belas Artes, em Lisboa, percebeu que "há uma desvalorização do castelo de Porto de Mós" e apostou na realização de diversas actividades para as crianças do ensino pré-escolar como um primeiro passo para inverter essa situação, revelando-lhes a história do nosso património. A ideia vai servir de base para a sua tese

de mestrado.

Rosana Silva levou até aos mais pequenos a história de Dom Fuas Roupinho contada na primeira pessoa, com a ajuda de Sónia Cordeiro, animadora e actriz de Fonte de Oleiro, que se vestiu a preceito para desempenhar o papel do célebre alcaide.

Algumas das actividades consistiram na leitura de histórias sobre Dom Fuas Roupinho e curiosidades sobre o castelo, nomeadamente, com uma visita ao monumento, explicando às crianças para que serviam e o que eram determinadas salas do castelo.

Este projecto, teve bastante adesão "por parte de professores e crianças que

se envolveram com a história e ainda disseram que iam ter saudades de Dom Fuas", conta Rosana. "Não esperava esta reacção por parte das crianças. Tem sido óptimo", refere.

Segundo Rosana Silva, os professores têm feito um balanço positivo desta iniciativa e incentivam-na a continuar contando-lhe das reacções muito positivas dos miúdos na escola, face ao que aprenderam no castelo.

Após a adesão positiva, a jovem mestranda diz que "a vontade é de continuar e receber o 1º ciclo, em breve" mas, ainda, há pormenores a acertar, nomeadamente com a câmara.

Rosana Silva não esconde

que gostaria de ver nascer no castelo de Porto de Mós um serviço educativo permanente de modo a estimular o conhecimento e o gosto dos mais novos pelo património local, no entanto, reconhece que essa é uma decisão que cabe por inteiro à câmara municipal. Pela sua parte compromete-se a colaborar dentro das suas possibilidades e se for esse o entendimento da autarquia.

### Continuidade em estudo

Rui Neves, vereador da Cultura da Câmara Municipal, elogia a iniciativa, sublinhando a importância de



poder dar mais informação aos visitantes, em especial às escolas. O vereador refere que esta experiência será analisada para aferir a possibilidade de assumir um carácter definitivo. "É um ser-

viço que tem custos, vamos ver até onde podemos ir e se podemos prolongar pelos próximos três anos", afirma Rui Neves.

Sara Rosa ■

## Acessos e bar que não avançaram

A aposta de promoção turística do castelo tem esbarrado com o acesso ao monumento. Da altura da requalificação vem um projecto para permitir o acesso de autocarros ao sopé do morro, junto ao cemitério velho. O projecto passava pela criação de um acesso através da estrada que liga Porto de

Mós e Fonte dos Marcos. Adormecido ficou também um projecto de intervenção paisagística no morro do monumento.

O projecto de recuperação resultou ainda na criação de um espaço, onde se pretendia pôr em funcionamento um bar de apoio ao castelo. A inde-

finição sobre a forma de concessão e o fraco interesse manifestado por privados acabaram por ditar que, dez anos depois, o bar continue encerrado e os visitantes não tenha possibilidade de adquirir uma simples garrafa de água durante a visita ao castelo.



# Anexo 10 |

Notícia da revista Viver Porto de Mós, Ano III nº 5 p.7 Câmara Municipal de Porto de Mós, Publicação Junho de 2010



## CRIANÇAS APRENDEM NO CASTELO

Todos conhecemos as potencialidades e a riqueza histórica do castelo de Porto de Mós. Por esse motivo, nos passados dias 13, 14, 15 e 16 de Abril, o monumento abriu as portas a três escolas do pré-escolar do concelho, Mendiga, Fonte do Oleiro e Porto de Mós, dando aos seus alunos a oportunidade de conhecer e viver a história de D. Fuas Roupinho de uma forma adequada à sua idade.

A iniciativa partiu de Rosana Silva, no âmbito do mestrado em Educação Artística e da tese sobre "Como a educação artística pode potencializar o património", que está a desenvolver neste momento, com o apoio do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Porto de Mós.

A acção traduziu-se na primeira experiência de um serviço educativo no castelo com actividades e discursos direccionados à faixa etária do público-alvo, questão que foi superada da melhor forma com a ajuda de Sónia Conde, no papel do próprio D. Fuas Roupinho.

Assim, foram organizados diversos ateliês onde D. Fuas Roupinho, falando na primeira pessoa, descreve a história do castelo, as batalhas que travou e a importância da sua própria intervenção na história da conquista do castelo aos Mouros, numa linguagem acessível e num discurso interactivo que procurou a intervenção continuada das crianças:

O balanço final da actividade é positivo. Segundo Rosana Silva, as avaliações feitas aos alunos, posteriormente às realizações das acções educativas, revelam que estes assimilaram e retiveram a informação de forma clara, opinião partilhada também pelas professoras das escolas participantes.

Rosana Silva acrescenta que o serviço educativo, para estar completo, deverá abranger todos os níveis de ensino e permitir uma relação entre as escolas e o castelo de uma forma interactiva e dinâmica fazendo a ponte entre a sua história, o conhecimento dos alunos e a comemoração de dias nacionais e internacionais relacionados com a temática.